



Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório de Estágio Profissionalizante
Equipa Profissional do Estoril-Praia
Departamento de Análise de Jogo

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Treino Desportivo

Orientador: Professor Doutor Luís Pedro Camelo Vilar

Júri:

Presidente

Professor Doutor António Paulo Pereira Ferreira

Vogais

Professor Doutor Luís Pedro Camelo Vilar

Professor Doutor Ricardo Filipe Lima Duarte

David San Romão Curvelo Garcia

2013

“Por perceber o um pensamos que percebemos o dois, porque um e um são dois. Mas precisamos também de perceber o e.”

(Antigo ditado Sufi, n.d.)

“No futebol, as coisas não sucedem porque os jogadores façam ou não façam o que lhes digo. Não, o futebol é muito mais complicado do que tudo isto.”

(Pep Guardiola, 2008)

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo incondicional apoio que sempre me deram ao longo da vida. Bem sei que o culminar do meu percurso académico é muito especial para eles e como tal todo o meu sucesso é também o sucesso deles.

A toda a minha restante família por me terem igualmente apoiado ao longo desta caminhada e pela ajuda e suporte que deram aos meus pais. Um agradecimento particular aos meus padrinhos e ao Nuno.

A todos os meus amigos, porque sem dúvida que sem eles eu não seria nem metade da pessoa que sou. Obrigado por me terem “aturado” ao longo destes anos e por, julgo eu, estarem dispostos a “aturar-me” por muitos mais.

Aos meus colegas de faculdade, pelas horas de estudo e pelas outras (quase...) tantas horas de “farra”. Naturalmente que com eles foi bem mais fácil atravessar esta etapa da minha vida.

Ao Professor Doutor Luís Vilar e ao Professor Doutor Ricardo Duarte por todos os ensinamentos que me prestaram ao longo destes últimos anos e pela orientação que me deram para a conclusão deste estágio.

A todos os outros professores que tive ao longo da minha vida, que de uma maneira ou de outra, me marcaram. Um agradecimento especial ao corpo docente e também aos restantes funcionários da Faculdade de Motricidade Humana.

A todas as entidades e pessoas com quem trabalhei no “mundo” do futebol, desde atletas, pais, dirigentes, coordenadores, treinadores, roupeiros, porteiros, etc. Não guardo boas recordações de todos, mas certamente que todos contribuíram de alguma forma para o meu crescimento enquanto treinador, e de uma forma geral fizeram da minha ainda curta carreira, uma carreira cheia de sucessos. Um muito obrigado ao Professor António Fonte Santa por muito ter aprendido com a sua sabedoria e um outro

grande obrigado ao Hélder Cristóvão por toda a confiança que depositou em mim ao longo dos últimos três anos.

A todos os jogadores e equipa técnica da equipa profissional do Estoril-Praia, Futebol-SAD, mais concretamente ao Marco Silva, Vinícius Eutrópio, Fabiano Soares, André Galbe e Luís Henrique por terem transformado uma “aventura” que já de si seria fantástica, numa experiência inesquecível, com a conquista do campeonato da Liga de Honra.

A toda a restante estrutura do Estoril-Praia, Futebol-SAD, pelo apoio e disponibilidade ao longo de todo o período de estágio, pelo material cedido para a realização deste trabalho e claro está, pela oportunidade que me deram em fazer parte de um grande projecto, que teve um enorme sucesso na época 2011/12.

E como não poderia deixar de ser, aos três colegas e amigos que me acompanharam neste estágio: André Silvério, Gonçalo Pereira e Ricardo Correia. Sem eles certamente que este estágio não seria a mesma coisa...

Índice Geral

Agradecimentos	iii
Índice Geral.....	v
Índice de Figuras	ix
Índice de Tabelas	xi
Resumo	xiii
Abstract	xv
1. Introdução	1
2. Enquadramento da Actividade Profissional	3
2.1. Macro-Contexto.....	3
2.2. Contexto Legal	5
2.3. Contexto Institucional	6
2.4. Contexto de Natureza Funcional	9
3. Prática Profissional	11
3.1. Organização e Gestão do Processo de Treino	11
3.1.1. Análise da situação	11
3.1.1.1. <i>Diagnóstico</i>	11
3.1.1.2. <i>Prognóstico</i>	20
3.1.2. Organização do processo de treino	21
3.1.2.1. <i>Definição do modelo de jogo</i>	21
3.1.2.2. <i>Avaliação e controlo do treino e da competição</i>	31
3.1.3. Avaliação e controlo do plano	32

3.2.	Investigação e Inovação Pedagógica	32
3.2.1.	A eficácia do método defensivo nos lances de bola parada no futebol	32
3.2.1.1.	<i>Introdução</i>	32
3.2.1.2.	<i>Métodos</i>	35
3.2.1.3.	<i>Resultados e Discussão</i>	37
3.2.1.4.	<i>Conclusão</i>	44
3.3.	Participação no Contexto Competitivo.....	46
3.3.1.	Construção de uma base de dados para análise quantitativa da equipa do Estoril-Praia	46
3.3.1.1.	<i>Introdução</i>	46
3.3.1.2.	<i>Procedimentos para a construção da base de dados</i>	47
3.3.1.3.	<i>Procedimentos para a análise das variáveis e desenvolvimento da base dados</i>	48
3.3.1.4.	<i>Análise dos dados obtidos nas variáveis em estudo</i>	48
3.3.1.4.	<i>Conclusão</i>	59
3.4.	Relação com a Comunidade	60
3.4.1.	Estilos de liderança na equipa do Estoril-Praia	60
3.4.1.1.	<i>Introdução</i>	60
3.4.1.2.	<i>Métodos</i>	62
3.4.1.3.	<i>Resultados e Discussão</i>	65
3.4.1.4.	<i>Conclusão</i>	68
3.4.2.	Organização de um estágio pré-competição.....	69
3.4.2.1.	<i>Introdução</i>	69
3.4.2.2.	<i>Dados gerais sobre o jogo</i>	70
3.4.2.3.	<i>Marcação do hotel</i>	70
3.4.2.4.	<i>Plano de actividades</i>	71

3.4.2.5. Distribuição dos quartos	72
3.4.2.6. Plano de dietas nas refeições em estágio	72
3.4.2.7. Conclusão	73
4. Conclusão	75
5. Referências	78

Índice de Figuras

Figura 1 – <i>Quadro interno do Estoril-Praia, Futebol-SAD – época 2011/12.</i>	8
Figura 2 – <i>Caracterização dos jogadores do Estoril-Praia em função da posição em campo, época 2011/2012: (A) - Idade dos jogadores. (B) – Estatura dos jogadores.</i> ...	13
Figura 3 – <i>Densidade competitiva da equipa do Estoril-Praia ao longo da época 2011/2012.</i>	17
Figura 4 – <i>Nacionalidade dos jogadores das equipas da Liga de Honra, época 2011/2012.</i>	19
Figura 5 – <i>Organização estrutural da equipa com Vinícius Eutrópio.</i>	21
Figura 6 – <i>Organização Ofensiva: (A) - 1ª etapa do processo ofensivo; (B) - Situação de cruzamento.</i>	23
Figura 7 – <i>Principais referências de passe nas transições ofensivas.</i>	24
Figura 8 – <i>Organização Defensiva: (A) - 1ª etapa do processo defensivo e zona de pressão; (B) - Situação de cruzamento.</i>	26
Figura 9 – <i>Pontapés de canto ofensivos.</i>	27
Figura 10 – <i>Pontapés de canto defensivos.</i>	28
Figura 11 – <i>Organização estrutural da equipa com Marco Silva.</i>	29
Figura 12 – <i>Percentagem de observações dos diferentes métodos defensivos utilizados nos lances de bola parada das Ligas Profissionais.</i>	38
Figura 13 – <i>Análise comparativa da média de remates por jogo em função da zona, com a média de golos marcados, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia.</i>	49

Figura 14 – <i>Análise comparativa da média de entradas com bola no sector ofensivo por jogo em função da zona, com a média de cruzamentos, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia.</i>	50
Figura 15 – <i>Análise comparativa da média de passes por jogo, com a média de passes por sequência ofensiva, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia. ...</i>	51
Figura 16 – <i>Análise comparativa dos minutos de jogo dos jogadores de campo ao longo da época 2011/12.</i>	52
Figura 17 – <i>Análise comparativa à percepção e às preferências dos jogadores relativamente ao comportamento do treinador nas suas diferentes dimensões.</i>	66
Figura 18 – <i>Análise comparativa à percepção dos jogadores e à auto-percepção do treinador relativamente ao comportamento do treinador nas suas diferentes dimensões.</i>	67

Índice de Tabelas

Tabela 1 – <i>Participações nas provas oficiais de Futebol Sénior do Estoril-Praia.</i>	8
Tabela 2 – <i>Funcionários do Estoril-Praia, Futebol-SAD que não fazem parte do quadro interno do clube – época 2011/12.</i>	9
Tabela 3 – <i>Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Defesas.</i>	14
Tabela 4 – <i>Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Médios.</i>	15
Tabela 5 – <i>Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Avançados.</i>	16
Tabela 6 – <i>Padrão semanal de análise da performance da equipa do Estoril-Praia.</i> ..	31
Tabela 7 - <i>Eficácia média e desvio padrão dos diferentes métodos defensivos utilizados nos lances de bola parada nas Ligas Profissionais.</i>	41
Tabela 8 - <i>Eficácia média e desvio padrão do Estoril-Praia e das restantes equipas das Ligas Profissionais na utilização dos diferentes métodos defensivos nos lances de bola parada.</i>	43
Tabela 9 – <i>Análise Quantitativa Individual dos defesas centrais Edgar Lameirão e Steven Vitória.</i>	53
Tabela 10 – <i>Análise Quantitativa Individual dos defesas laterais Anderson Luís e Tiago Gomes.</i>	54
Tabela 11 – <i>Análise Quantitativa Individual dos trincos Gonçalo Santos e Diogo Amado.</i>	55
Tabela 12 – <i>Análise Quantitativa Individual dos médios ofensivos João Coimbra e Carlos Eduardo.</i>	56
Tabela 13 – <i>Análise Quantitativa Individual dos extremos Luís Carneiro (Licá) e Moreira.</i>	57

Tabela 14 – <i>Análise Quantitativa Individual dos avançados Fabrício Simões e Adilson Granemann.</i>	58
Tabela 15 – <i>Dados gerais sobre o jogo Moreirense X Estoril-Praia.</i>	70
Tabela 16 – <i>Plano de actividades da equipa do Estoril-Praia durante o estágio.</i>	71
Tabela 17 – <i>Plano de dietas nas refeições da equipa do Estoril-Praia durante o estágio.</i>	73

Resumo

O futebol é uma modalidade desportiva complexa e dinâmica, onde existe uma enorme variedade de padrões de jogo. Neste sentido, face à conjuntura actual da modalidade, é fundamental que seja feita nos clubes uma análise a esses mesmos padrões de jogo. Este tipo de análise, em conjunto com muitas outras determinantes, concorre para a maximização da *performance* das equipas.

O estágio que vem caracterizado neste documento foi realizado no departamento de análise do jogo da equipa profissional de futebol do Estoril-Praia, Futebol-SAD, na época 2011/12. De entre os diversos objectivos, destacam-se: i) contribuir para o desenvolvimento do departamento de análise de jogo da equipa; e ii) oferecer ao clube um maior conhecimento científico na área.

Ao longo deste relatório vem descrito um enquadramento da prática profissional na área da análise do jogo, seguido da exposição de toda a actividade desenvolvida ao longo do estágio e da descrição e análise de uma base de dados construída para análise quantitativa da equipa e dos jogadores. São também apresentados dois estudos: um acerca da eficácia dos métodos defensivos nos lances de bola parada e outro acerca da liderança do treinador. Por fim, é ainda abordada a organização de um estágio pré-competição da equipa.

Palavras-chave: Estoril-Praia, *Performance*, Análise do jogo, Análise quantitativa, Lances de bola parada, Métodos defensivos, Liderança.

Abstract

Football is a complex and dynamic sport, where there is a huge variety of patterns of play. In this sense, given the current situation of the sport, it is essential realize performance analysis in the clubs to these same patterns of play. This type of analysis, together with many other determinants, contributes to maximizing the teams performances.

The internship that has characterized in this document was conducted in the department of game analysis of the professional football team of Estoril-Praia, Football-SAD, season 2011/12. Among the many objectives are: i) contribute to the development of the game analysis department of the team, and ii) give the club a greater scientific knowledge in the area.

Throughout this report has described a framework of professional activity in the area of game analysis, followed by the exposure of all activities throughout the internship and the description and analysis of a database constructed for quantitative analysis of the team and players. It is also presented two studies: one about the effectiveness of the defensive methods in set plays and another about the leadership of the coach. Finally, it is also discussed the organization of a pre-match hotel concentration of the team.

Key Words: Estoril-Praia, *Performance*, Game analysis, Quantitative analysis, Set plays, Defensive methods, Leadership.

1. Introdução

O futebol é uma modalidade desportiva complexa, dinâmica e multidimensional (Garganta, 1997; Gréhaigne, Bouthier & David, 1997). Deste modo, a sua existência não se resume a um padrão comportamental singular e estanque, mas antes a uma variedade de padrões de jogo que variam de acordo com inúmeras determinantes, tais como as ideias e crenças dos treinadores, com as características e experiências dos jogadores, com a cultura dos clubes, dos países e dos campeonatos e mais importante que isso, com a forma como todas essas variáveis interagem entre si. Assim sendo, torna-se imprescindível com a evolução do futebol e do desporto em geral, a análise dos padrões comportamentais de jogo das equipas e dos jogadores.

O estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores e das equipas já não é recente, e tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. A observação e análise do jogo tem como um dos principais objectivos fornecer informações acerca do comportamento dos adversários em competição, permitindo às equipas desenvolverem planos estratégico-tácticos para os jogos (Lopes, 2005). Por outro lado, a construção do treino deverá, em grande parte, decorrer da informação recolhida do jogo (Garganta, 1997). Assim sendo, conclui-se que a análise do jogo deve ser realizada não só para estudo do adversário mas também para estudo da própria equipa, e deste modo aceder a informação que permita melhor compreender a *performance* das equipas adversárias e também da própria equipa e dos seus jogadores.

O presente documento descreve o processo de estágio profissionalizante no âmbito do mestrado em treino desportivo da Faculdade de Motricidade Humana. Foi realizado na época desportiva de 2011/12 (de Julho de 2011 a Maio de 2012) no Estoril-Praia, Futebol-SAD, mais concretamente no departamento de *scouting* / análise de jogo da equipa sénior do clube. O estágio incide no processo de planeamento e avaliação da competição, e não tanto no planeamento, condução e avaliação do treino. Mais concretamente envolve o processo de controlo e análise da *performance* da equipa e dos adversários, servindo de apoio à equipa técnica e aos jogadores, contribuindo indirectamente para o processo de treino e para a competição.

Os objectivos para a concretização deste estágio passam por compreender a estrutura e a organização de um clube profissional como o Estoril-Praia; conhecer, fazer

parte e ajudar no desenvolvimento do departamento de *scouting* de uma equipa profissional; contribuir de forma objectiva, rigorosa e pertinente, na realização das tarefas semanais que nos eram destinadas (a mim e aos meus colegas estagiários), para o sucesso da equipa em competição; oferecer ao clube e mais concretamente à equipa técnica, um conhecimento científico que vá além daquilo que é comum no seio dum clube de futebol, através de novas metodologias de análise do jogo e através de estudos de investigação de carácter científico; e acima de tudo, aprender e desenvolver o meu estado de conhecimento e capacidade de análise acerca do jogo de futebol, mais concretamente no que diz respeito aos padrões de jogo actuais das equipas.

O relatório está estruturado em duas grandes partes: uma primeira onde é realizado um enquadramento do estágio e uma segunda onde vem exposta toda a actividade desenvolvida ao longo do estágio. Na primeira parte é feita uma análise da evolução que a área da análise do jogo tem sofrido ao longo dos tempos, uma descrição dos aspectos legais da actividade profissional e ainda uma contextualização institucional e funcional do clube e da equipa profissional do Estoril-Praia. Na segunda parte, é feita uma abordagem (i) à organização e gestão do processo de treino (ex., tarefas semanais inerentes à análise do jogo); (ii) à descrição e análise quantitativa da equipa e dos jogadores elaborada pelo departamento de *scouting*, (iii) à investigação sobre os métodos defensivos utilizados nos lances de bola parada; (iv) ao estudo de grupo sobre os estilos de liderança na equipa do Estoril-Praia e (v) à organização de um estágio de pré-competição da equipa.

Tem-se como finalidade neste relatório, em primeiro lugar, dar a conhecer o modelo de organização e funcionamento de um clube profissional de futebol e mais especificamente de um departamento de *scouting*, neste caso do Estoril-Praia; e em segundo lugar, revelar aquilo que foi feito durante o estágio, contribuindo para, por um lado dar novas ideias para futuras investigações na área, e por outro aumentar o nível de conhecimento relativamente às questões aqui tratadas.

2. Enquadramento da Actividade Profissional

2.1. Macro-Contexto

A análise dos jogadores e das equipas é um fenómeno que tem já muitos anos e que tem sofrido bastantes alterações desde o seu início. O primeiro estudo de análise do jogo em desportos colectivos data do início da década de trinta, na modalidade de basquetebol, procurando determinar as distâncias percorridas pelos jogadores (Messersmih & Corey, 1931). Progressivamente, as linhas orientadoras para a investigação foram sendo refinadas, evoluindo para uma análise do tempo-movimento (procurando identificar o número, tipo e frequência das tarefas motoras dos jogadores ao longo do jogo) e para uma análise das habilidades técnicas (Mayhew & Wenger, 1985; Dufour, 1989).

Contudo, estes estudos quantitativos, centrados em variáveis demasiado analíticas e descontextualizadas da complexidade e multidimensionalidade dos jogos desportivos colectivos, levaram a que fosse questionada a sua pertinência e utilidade. Segundo Gréhaigne *et al.* (1997), num jogo de futebol as suas estruturas e configurações devem ser consideradas como um todo, em vez de serem examinadas “peça a peça”. Deste modo, surge a necessidade de se considerar a dimensão técnica do jogo em relação com a dimensão táctica, já que uma e outra coexistem de forma integrada. De acordo com esta linha de pensamento, não só no futebol mas nos jogos desportivos colectivos em geral, a partir de metade da década de oitenta, passou também a haver a preocupação em identificar padrões de jogo segundo acções colectivas das equipas (Garganta, 2001). De acordo com este método pretende-se compreender os factores que induzem perturbação ou desequilíbrio na relação ataque/defesa e com isso detectar e interpretar a permanência e/ou ausência de traços comportamentais na variabilidade de acções de jogo (McGarry & Franks, 1996).

Actualmente, a análise do comportamento da equipa e dos jogadores através da identificação das regularidades e variações das acções de jogo revela-se cada vez mais útil e pertinente do que as análises descontextualizadas com a realidade do jogo (Garganta, 2001). Assim, têm-se vindo a desenvolver sistemas a partir de categorias integrativas, configuradas para caracterizar (Garganta, 1997): “1) a organização do jogo a partir das características das sequências de acções das equipas em confronto; 2) os

tipos de sequências que geram acções positivas; 3) as situações que induzam ruptura ou perturbação no balanço ofensivo e defensivo das equipas que se defrontam; 4) as quantidades da qualidade das acções de jogo”.

Para este tipo de análise, até aos dias de hoje foram já desenvolvidos sistemas informáticos muito sofisticados e altamente especializados na recolha de dados. Softwares e Hardwares desenvolvidos por empresas especializadas, como a SportsTec, a PROZone e a AMISCO, estão na linha da frente dos mais sofisticados sistemas informáticos na área da análise do jogo, e apesar do seu elevado custo, são hoje em dia bastante utilizados pela maior parte dos grandes clubes de futebol do mundo. No entanto, o uso que se faz desses sistemas é que ditará a pertinência da informação recolhida, pois essa poderá estar direccionada para a captação de comportamentos de jogo ou simplesmente para acções de jogo isoladas e descontextualizadas.

Por outro lado, também a análise qualitativa das equipas vem sendo cada vez mais frequente nos clubes, existindo profissionais responsáveis por realizar uma análise cuidada aos padrões de jogo da própria equipa e das equipas adversárias (ex. análise dividida em momentos de organização ofensiva e defensiva, de transição ofensiva e defensiva e de lances de bola parada ofensivos e defensivos). Esta análise é normalmente feita através de uma observação directa no estádio e também com recurso a vídeo, tendo critérios de análise normalmente pré-definidos (para reduzir ao máximo a subjectividade da análise).

Em suma, desde a década de trinta onde surgiram os primeiros estudos, a análise do jogo tem sofrido uma profunda transformação. A análise quantitativa, seja ela qual for, não fornece informação que garanta por si só uma leitura completa dos acontecimentos do jogo. Deste modo, a análise qualitativa também deve servir como suporte à análise do jogo, sendo que por outro lado, uma análise puramente qualitativa também não garante uma objectividade muito grande da informação. Por exemplo, Franks & Miller (1986), referem que num estudo em que um conjunto de treinadores de futebol, quando instados a descrever os acontecimentos de um jogo, obtiveram valores inferiores a 45% de respostas correctas. Deste modo, a utilização conjunta dos dois tipos de análise, servindo os dados da análise quantitativa de suporte à informação recolhida através da análise qualitativa, vem sendo cada vez mais uma prática comum por parte dos clubes na análise que fazem às suas equipas, jogadores e adversários.

2.2. Contexto Legal

A actividade de treinador de desporto, onde o treinador de futebol está inserido, segundo o decreto de lei 248-A/2008¹, “compreende o treino e a orientação competitiva de praticantes desportivos, bem como o enquadramento técnico de uma actividade física ou desportiva, exercida: a) Como profissão exclusiva ou principal, auferindo por via dela uma remuneração; b) De forma habitual, sazonal ou ocasional, independentemente de auferir uma remuneração”. Até ao ano de 2012 a formação dos treinadores estava a cargo das respectivas federações, sendo que a partir desse ano toda a formação de treinadores passa a ser regulada pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ) através de um programa instituído em consonância com as federações, designado de Programa Nacional de Formação de Treinadores (PNFT)². Este programa divide a formação dos treinadores em quatro graus, sendo atribuída a cada treinador a Cédula de Treinador de Desporto (CTD) em função da formação que o mesmo possui.

A CTD pode ser obtida através de: habilitação académica de nível superior ou qualificação, na área do desporto, no âmbito do sistema nacional de qualificações; experiência profissional; ou reconhecimento de títulos adquiridos noutros países. Cada um dos graus difere no tipo de competências e responsabilidades do treinador. O grau I é uma etapa onde o treinador não tem autonomia profissional, sendo sobretudo confrontado com os conhecimentos básicos e os problemas mais elementares da prática profissional, orientando a actividade de praticantes nas etapas mais elementares de formação desportiva e coadjuvando outros treinadores nessas ou nas etapas seguintes. No grau II, o treinador já possui autonomia na sua actividade profissional em qualquer etapa de formação desportiva, embora seja supervisionado por treinadores mais habilitados. O treinador de grau III já deverá possuir competências que lhe permitam dar resposta a problemas de natureza mais complexa, nomeadamente na competição de alto nível. Finalmente os treinadores de grau IV possuem uma formação direccionada à coordenação e direcção de equipas técnicas plurais, à inovação, investigação e empreendedorismo na sua área profissional.

No caso específico do futebol a Federação Portuguesa de Futebol (FPF), divide em 4 níveis a formação dos seus treinadores, de acordo com os regulamentos da própria

¹ <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/12/25203/0041200415.pdf>

² <http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/PNFT/PNFT%20-%20O%20LIVRO.pdf>

UEFA. Os 4 níveis de treinador de futebol são: Nível I, Nível II/UEFA B, Nível III/UEFA Advanced e Nível IV/ UEFA Pro³. Estes níveis, de acordo com a nova legislação deverão ter uma equivalência com os quatro graus atribuídos pelo IPDJ, e acima descritos.

O PNFT considera como competências do treinador e consequentemente como parte integrante da formação do mesmo nos seus diferentes graus, a capacidade de identificar talentos para a prática desportiva de uma determinada modalidade, a capacidade para participar na análise e avaliação dos adversários e ainda a capacidade para implementar programas para controlo do treino e do rendimento dos praticantes e da equipa. Deste modo, a formação dos treinadores engloba o ensino de determinadas competências que estão directamente relacionadas com as áreas de intervenção que os clubes têm nos seus departamentos de *scouting*. No entanto esta formação carece ainda de cursos especializados sob a égide de algum organismo oficial, como o IPDJ, FPF ou a própria UEFA, como já acontece com cursos específicos para treinadores de guarda-redes, por exemplo.

Assim sendo, a prática comum no futebol tem sido que alguns treinadores com formação na área seguem pela via da análise do jogo. Também o contrário tem vindo a acontecer cada vez com mais frequência, com profissionais que entretanto deixaram a área da análise do jogo para assumirem o cargo de treinadores. No caso particular do analista de jogo estagiário assume-se inicialmente uma formação mais global em treino desportivo (mais direccionada para o treino propriamente dito), para uma especialização na área da análise de jogo, trabalhando no departamento de *scouting* da equipa profissional do Estoril-Praia.

2.3.Contexto Institucional

O Grupo Desportivo Estoril-Praia nasceu da Sociedade Estoril-Plage, a 17 de Maio de 1939 com o nome de Grupo Desportivo Estoril Plage. O clube está sediado no Estoril, concelho de Cascais, no Estádio António Coimbra da Mota, sendo o único clube deste concelho que integra as ligas profissionais de futebol. O seu estádio foi inaugurado a 1 de Janeiro de 1939, é apelidado de Campo da Amoreira, tendo uma

³ http://www.fpf.pt/portal/page/portal/PORTAL_FUTEBOL/FEDERACAO/COMUNICADOS

capacidade para 5000 lugares sentados. O emblema do clube tem como cores o azul e o amarelo, em referência ao mar e ao sol, caracterizando a região na qual está inserido. Também o equipamento principal é composto por essas cores, razão pela qual a equipa é conhecida como os “canarinhos”, em alusão à selecção brasileira, conhecida pelo mesmo nome. O G.D. Estoril-Praia, para além do Futebol, fez-se representar também ao longo da sua história em várias outras modalidades desportivas, tais como badminton, ténis de mesa, basquetebol, voleibol, hóquei em patins e futebol de praia. Actualmente tem também uma equipa de futebol sénior feminino.⁴

Actualmente o clube Estoril-Praia encontra-se dividido em duas secções diferentes e que funcionam de forma independente: Estoril-Praia, Futebol – SAD, gerindo a área do futebol profissional e o G.D. Estoril-Praia, ligado à área do futebol de formação. O Estoril-Praia, Futebol - SAD é um clube com natureza jurídica de Sociedade Anónima, com um regime de gestão com regras básicas das sociedades anónimas, como a divisão do seu capital social em acções, mas com algumas especificidades exigidas pela actividade desportiva. O principal objectivo da criação da SAD foi a redução do passivo do clube. Em 2001 José Veiga, Manuel Damásio e outros accionistas, garantiram uma percentagem superior a 50% das acções do clube assumindo a sua gestão e nomeando para o cargo de presidente Manuel Damásio, no qual permaneceu até 2004. Neste período o Estoril conquistou o título de campeão da II Divisão zona sul e o título de campeão nacional da Liga de Honra (2002/2003 e 2003/2004, respectivamente), culminando desse modo com a subida à I Liga.

Em 2009 a empresa Traffic Sports estabeleceu uma parceria com o Estoril Praia, Futebol - SAD, sendo actualmente o maior accionista do clube (75% das acções), tendo Tiago Ribeiro como presidente do clube e também como representante da empresa em Portugal. A Traffic é uma empresa brasileira de marketing desportivo fazendo, à semelhança do que acontece com o Estoril-Praia, a gestão de clubes como o Desportivo do Brasil e dos Fort Lauderdale Strikers (Estados Unidos), liderando também grupos de investidores na carreira de jovens jogadores. Esta parceria promove o intercâmbio de jogadores do seu principal clube, Desportivo do Brasil, com o Estoril Praia⁵.

⁴ <http://www.estorilpraia.pt/historia.html> e documentação interna do Estoril-Praia, Futebol-SAD

⁵ <http://www.estorilpraia.pt/historia.html> e documentação interna do Estoril-Praia, Futebol-SAD

Na tabela seguinte são apresentados alguns dados relativamente ao percurso do clube no futebol ao longo da sua história⁶.

Tabela 1 – Participações nas provas oficiais de Futebol Sénior do Estoril-Praia.

I Divisão/ I Liga:	Melhor classificação: 3º (1946/47); 20 presenças
Liga de Honra:	1 Campeonato (2003/04); 13 presenças
II Divisão:	5 Campeonatos (1941/42; 1943/44; 1945/46; 1974/75; 2002/2003)
Taça de Portugal:	1 vez finalista vencido (1943/44); 55 presenças
Taça da Liga:	Melhor classificação: 2ª Fase de Grupos (2009/10; 2010/11) 4 Presenças

Estruturalmente, encontram-se dois grandes grupos de pessoas a trabalhar no Estoril-Praia, Futebol-SAD: os funcionários que fazem parte do quadro interno do clube (figura 1) e os funcionários que embora não fazendo parte dos quadros do clube, trabalham no dia-a-dia para o clube numa prestação de serviços (tabela 2)⁷.

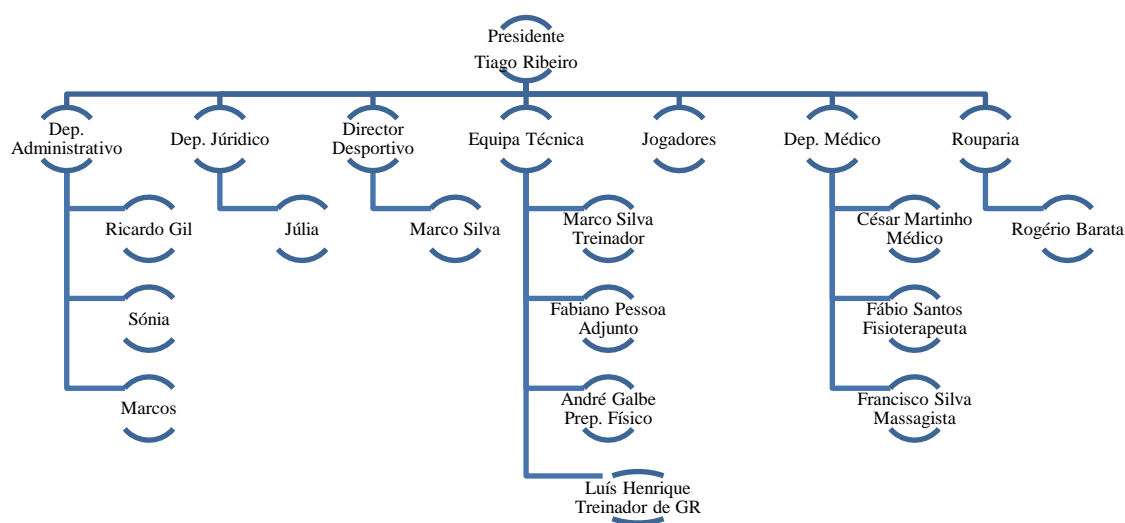


Figura 1 – Quadro interno do Estoril-Praia, Futebol-SAD – época 2011/12.

⁶ <http://www.estorilpraia.pt/historia.html> e documentação interna do Estoril-Praia, Futebol-SAD

⁷ Documentação interna do Estoril-Praia, Futebol-SAD

Tabela 2 – *Funcionários do Estoril-Praia, Futebol-SAD que não fazem parte do quadro interno do clube – época 2011/12.*

Valentim	Responsável pela manutenção do relvado: tratamento, corte, etc.
Renato	Responsável pela limpeza (estádio e instalações anexas).
Rui Amaro e estagiários FMH (David, Gonçalo e Ricardo)	Departamento de Scouting: observação e análise dos jogos do adversário; Observação e análise dos jogos do Estoril-Praia;
Estagiário FMH (André)	Preparação Física: Controlo das cargas e dimensão física do treino.
João Oliveira	Director desportivo nos jogos oficiais.
Presidencial Tours	Empresa de transporte, que assegura as deslocações da equipa.

2.4. Contexto de Natureza Funcional

O presidente do Estoril-Praia, Futebol-SAD e representante da Traffic em Portugal, Tiago Ribeiro mantém a ligação entre a direcção da Traffic no Brasil e o Estoril-Praia, sendo que em todos os assuntos internos do clube é coadjuvado pelos membros do departamento administrativo e pelo departamento jurídico do Estoril-Praia. O director desportivo era Marco Silva, principal responsável pela compra e venda dos passes dos jogadores. O mesmo era também o elo de ligação entre o departamento administrativo e a equipa técnica do clube, assegurando que tudo estivesse pronto e disponível para os treinos e jogos.

Quanto à equipa técnica, era inicialmente liderada pelo treinador Vinícius Eutrópio, tendo sido substituído pelo Marco Silva a partir de 29 de Setembro de 2011, que passou a desempenhar a dupla função de director desportivo e treinador principal. O treinador tinha como funções planear, conduzir e avaliar todo o processo de treino, bem como preparar e conduzir os jogos da equipa, de acordo com um plano estratégico previamente definido. O preparador físico André Galbe e o estagiário André Silvério tinham a responsabilidade de cuidar da preparação física dos jogadores através do treino tanto em ginásio como em campo, assegurando ainda o controlo das cargas de treino e a recuperação pós-esforço. O técnico Luís Henrique, era o responsável pela preparação dos guarda-redes nas diferentes dimensões do jogo. O treinador Marco Silva e o seu adjunto tinham como funções liderar todo o restante processo de treino.

Quanto à preparação do jogo a equipa técnica fazia no início da semana um estudo pormenorizado do adversário seguinte, tanto através de um relatório escrito e de compactos vídeo dos adversários realizados pelo departamento de *scouting*/análise de jogo, como através do próprio visionamento dos jogos anteriores do adversário. A partir

daí era estruturado o microciclo em função do adversário, principalmente no que diz respeito a um dos treinos próximos do dia de jogo.

No departamento de análise de jogo, Rui Amaro era o principal responsável, tendo como função analisar o vídeo dos jogos anteriores do adversário, sendo que o último jogo antes do confronto com o Estoril era observado *in loco*. Deveria também realizar um relatório escrito e uma compilação em compacto de vídeo relativamente ao adversário, sendo o mesmo entregue à equipa técnica. A análise estatística da equipa do Estoril-Praia em competição, tanto em termos colectivos como em termos individuais, era da responsabilidade dos estagiários da FMH. Os jogos em casa e os jogos na zona de Lisboa eram observados *in loco* e posteriormente através de vídeo, enquanto os jogos fora da zona de Lisboa eram apenas observados em vídeo. Também era da responsabilidade dos estagiários da FMH outras tarefas como: (i) a edição de compactos vídeo das acções de alguns jogadores adversários (previamente escolhidos pelo treinador) para serem posteriormente distribuídos aos jogadores; (ii) edição dos melhores momentos de cada jogador do Estoril-Praia em todos os jogos; e (iii) a edição de todas as acções de jogo do guarda-redes do Estoril-Praia em todos os jogos.

Por fim, o departamento médico do clube era naturalmente responsável por dar apoio de primeiros socorros tanto em treino como em jogo, fazendo o diagnóstico das lesões e realizando um plano de recuperação dessas mesmas lesões quando necessário. O departamento médico era ainda responsável por prescrever e controlar a dieta alimentar dos jogadores, bem como auxiliar o preparador físico no processo de recuperação pós-esforço dos jogadores (alongamentos, massagens, banhos de crioterapia e suplementação energética).

3. Prática Profissional

3.1. Organização e Gestão do Processo de Treino

3.1.1. Análise da situação

3.1.1.1. Diagnóstico

3.1.1.1.1. Caracterização das condições de trabalho

Recursos Materiais/Logísticos

O Estoril-Praia, Futebol-SAD, tem no Estádio António Coimbra da Mota, no Estoril, o único campo relvado disponível para competição e para treinos, com duas bancadas centrais, uma delas com cobertura. O relvado foi substituído para a época 2011/12, estando no início da mesma em excelentes condições para a prática do futebol. Neste mesmo estádio encontram-se ainda os escritórios, sala de reuniões, balneários, posto médico e ginásio.

Relativamente aos recursos utilizados na área da análise do jogo, existe um gabinete destinado à área do *scouting*, apenas com mesas, cadeiras e acesso à internet sem fios. Porém, o material utilizado para a recolha, processamento e armazenamento de dados era feita através dos computadores pessoais de cada um dos analistas de jogo estagiários. Nos dias de competição era utilizada uma zona privada na bancada central com vista privilegiada para todo o campo. Quando necessário, utilizava-se também a sala de reuniões para reunir com a equipa técnica e debater as tarefas desenvolvidas e por desenvolver.

Recursos Temporais

As instalações desportivas são para utilização exclusiva da estrutura do Estoril-Praia, Futebol-SAD, não havendo portanto limitações quanto aos horários de utilização do campo e das instalações anexas. No entanto, a equipa tinha um plano semanal de treinos, com horários definidos e que eram normalmente cumpridos. Quanto ao gabinete do departamento de *scouting* estava normalmente livre, podendo ser ocupado pelos analistas de jogo estagiários.

3.1.1.1.2. Caracterização dos atletas

Em baixo é realizada uma caracterização de todos os jogadores do plantel do Estoril-Praia da época 2011/12. Esta caracterização consiste em primeiro lugar numa análise bio-morfológica dos jogadores em função da sua posição no campo. Em seguida é feita uma análise do comportamento técnico-tático do jogador na sua posição, com base em variáveis previamente definidas junto da equipa técnica. Esta análise quantitativa é realizada através de um sistema de recolha e análise de dados, criado pelos analistas do jogo estagiários.

Para a caracterização dos jogadores procedeu-se à contabilização dos dados dos 4 primeiros jogos oficiais da época a seguir ao 1º jogo (não foi garantida a filmagem desse jogo). Aos jogadores que apenas foram utilizados em jogos oficiais numa fase posterior da época, contabilizou-se no máximo os 4 primeiros jogos em que participaram até final de Novembro. Um jogo só foi considerado para a contabilização se o jogador em causa tiver participado no mínimo em 45 minutos. Nesta caracterização apenas se tem acesso à classificação dos jogadores nos diversos atributos (que corresponde à taxa de sucesso - $(n^\circ \text{ sucesso} / n^\circ \text{ total}) \times 100$ – que depois converte a percentagem para uma escala de 0 a 10 (ex.: taxa de sucesso de 63% equivale a 6,3 na escala de 0 a 10, que arredonda para 6). Essa informação deve ser complementada com os dados de cada jogo, onde a informação surge de forma mais detalhada – consultar em anexo os relatórios da análise quantitativa individual dos diversos jogos.

Alguns dos jogadores foram apenas caracterizados na figura 2 (dados recolhidos em 20 de Outubro 2011)⁸, sendo que pelo facto de não terem sido utilizados em jogos oficiais segundo os critérios acima referidos no período definido, não foi feita uma análise quantitativa desses mesmos jogadores, nesta que pretendia ser uma avaliação inicial dos jogadores. A caracterização dos guarda-redes estava a cargo do treinador Luís Henrique.

⁸ http://www.zerozero.pt/equipa.php?epoca_id=141&id=1734

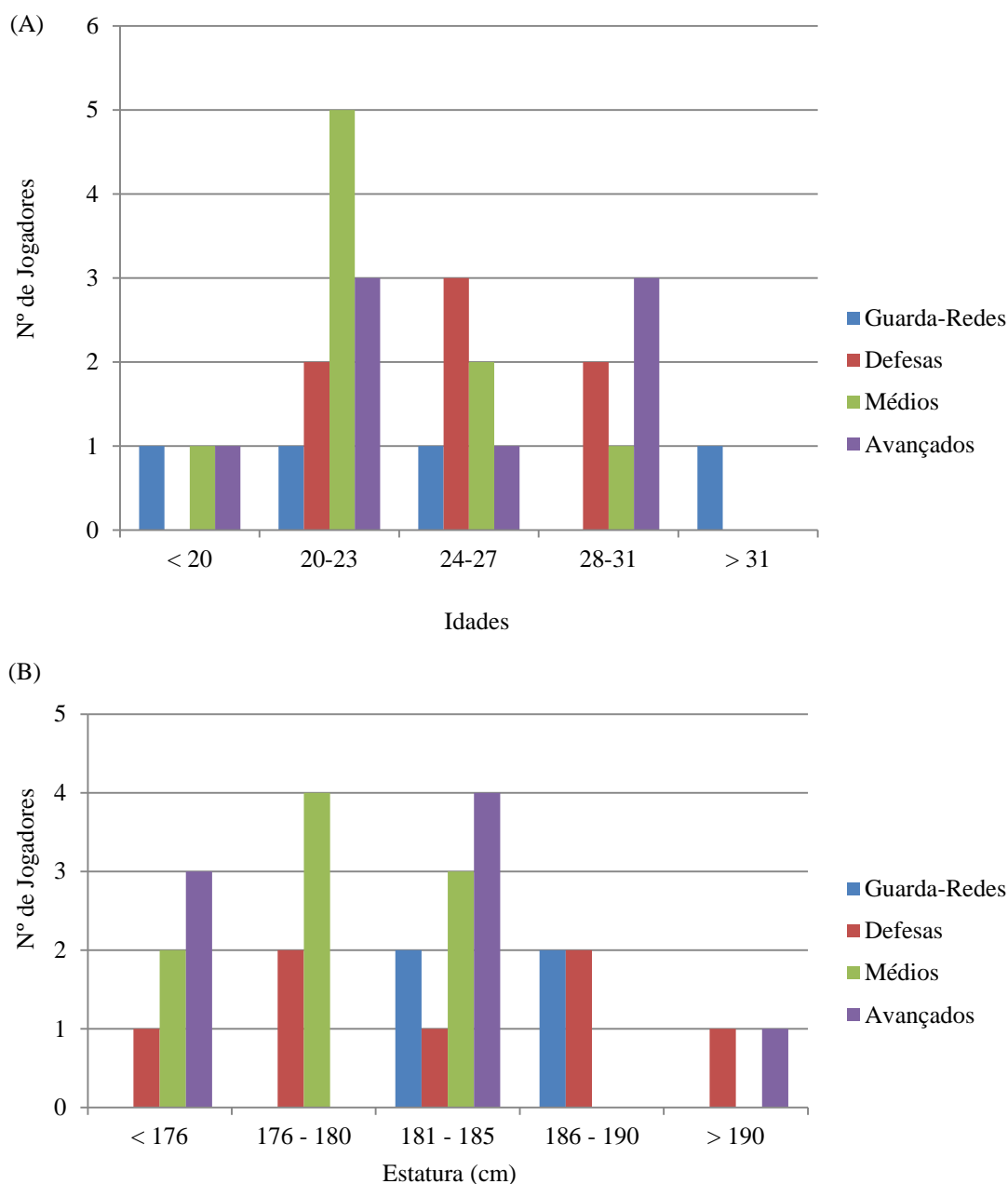


Figura 2 – Caracterização dos jogadores do Estoril-Praia em função da posição em campo, época 2011/2012: (A) - Idade dos jogadores. (B) – Estatura dos jogadores.

Pela análise à figura 2, verifica-se que na época 2011/12 o Estoril-Praia tinha um grupo maior de jogadores com idades compreendidas entre os 20 e os 23 anos, com especial incidência para os médios. Por outro lado, todas as outras posições tinham os jogadores mais distribuídos pelas diferentes faixas etárias, com excepção dos defesas que não tinham nenhum jogador com menos de 20 anos de idade. Relativamente à estatura dos jogadores, os médios são aqueles que apresentavam menor estatura,

enquanto os defesas e os avançados tinham maior distribuição relativamente a esse atributo, dado este que pode ser justificado pelo facto de nos defesas se englobarem os defesas centrais (geralmente de maior estatura) e os defesas laterais (geralmente de menor estatura) e nos avançados se englobarem os extremos (geralmente de menor estatura) e os avançados centro (geralmente de maior estatura).

Tabela 3 – Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Defesas.

	Bruno	Lameirão	Steven	Anderson	T. Gomes	Tinoco
Atributos Técnicos						
Passe	8	9	9	7	9	8
Curto	8	10	10	8	9	9
Longo	4	4	3	2	6	2
1º toque	10	10	10	9	8	10
Recepção	10	10	10	10	10	9
Cabeceamento	8	10	8	7	9	9
Remate	10		3	10		
Intercepção	7	10	9	7	9	9
Intercepção	8	9	8	7	7	10
Desarme	8	10	10	8	9	
Cruzamentos	3			5	7	4
Longo	10			8	8	3
Linha de fundo	2			3	7	5
Remate					3	
Pé dominante					3	
Pé não dominante						
Drible	10	10	8	6	8	5
Atributos Táticos – Defesa central						
Processo Ofensivo						
Largura na 1ª etapa	8	9	7			
Progressão com bola	8	10	8			
Lançamento longo p/ ataque	6	3	3			
Processo Defensivo						
Ocupar o corredor central	9	9	10			
Marcação	9	8	9			
Cobertura	9	10	10			
Ocupar zona central nos cruz.	9	10	9			
Atributos Táticos – Defesa lateral						
Processo Ofensivo						
Largura na etapa				8	9	7
Apoiar o ataque				9	9	8
Entradas no sector ofensivo				6	8	5
Processo Defensivo						
Boqueio à entrada no sector defensivo				7	6	4
Ocupar o corredor central				10	9	10
Cobertura aodefesa central				8	10	
Ocupar zona 2º poste nos cruz.				9	10	9

Tabela 4 – Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Médios.

	Gonçalo	Coimbra	Dantas	Hauw	C. Eduardo	di Paula
Atributos Técnicos						
Passe	9	8	8	9	8	5
Curto	9	9	9	10	8	5
Longo	4	3	5	5	4	5
1º toque	9	7	8	10	10	6
Recepção	9	10	9	8	9	9
Cabeceamento	6	8	6	10	6	5
Remate	5				10	
Intercepção	7	8	6	10	5	5
Intercepção	7	5	6	6	9	10
Desarme	8	9	6		7	6
Cruzamentos	7	6	4	10	8	10
Longo	10		5	10	8	10
Linha de fundo		10	3	10	7	
Remate			3		8	
Pé dominante			3		7	
Pé não dominante			10			
Drible	9	7	7	10	8	
Atributos Táticos – Trinco						
Processo Ofensivo						
Variação do centro de jogo	8					
Progressão com bola	10					
Equilíbrio Defensivo	9					
Processo Defensivo						
Ganhos de 2ª bola	6					
Cobertura	8					
Atributos Táticos – Médio Interior						
Processo Ofensivo						
Trocas posicionais nas laterais		10	9		5	
Equilíbrio defensivo		8	8	10	9	
Progressão com bola			8	10		10
Passes de ruptura			5			
Processo Defensivo						
Ocupar o corredor central		9	10	10	9	10
Marcação ao lateral		9	10	10	8	
Temporização		8	8	8	8	
Ocupar espaço interior nos cruz.		9	8	8	7	

Tabela 5 – Análise Quantitativa Individual (Avaliação Inicial) – Avançados.

	Licá	Gerso	Moreira	Fabício	Adilson
Atributos Técnicos					
Passe	9	9	8	8	8
Curto	9	8	9	8	9
Longo			7		
1º toque	9	10	8	7	8
Recepção	9	9	7	8	8
Cabeceamento	2		6	6	7
Remate	3		5	4	7
Intercepção	2		7	8	
Intercepção	5	10	6	8	5
Desarme	8	10	8	10	10
Cruzamentos	7	6	8		10
Longo			7		10
Linha de fundo	7	6	8		10
Remate	2		7	10	3
Pé dominante	2		10	10	5
Pé não dominante					
Drible	6	8	7	5	8
Atributos Táticos – Extremo					
Processo Ofensivo					
Trocas posicionais nas laterais					
Ocupar zona nos cruzamentos	10	10			
Aproveitamento do corredor central nas transições ofensivas	10	10			
Processo Defensivo					
Reacção à perda de bola	3	10			
Pressão no corredor lateral	5	10			
Ocupar o corredor central	10	10			
Atributos Táticos – Avançado					
Processo Ofensivo					
Aparecer no espaço entre-linhas	10	10	7	8	9
Ocupar zona nos cruzamentos	10	7	8	9	8
Ocupar corredor lateral nas transições ofensivas	5	8	8	10	10
Desmarcações de ruptura	10	10			9
Processo Defensivo					
Reacção à perda	7	10	8	8	7

3.1.1.1.3. Caracterização do contexto competitivo

A equipa profissional do Estoril-Praia na época de 2011/12 encontrava-se na Liga de Honra, participando nas competições oficiais da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP), Taça da Liga (Bwin Cup) e Liga de Honra (Liga Orangina), e ainda na Taça de Portugal, competição organizada pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF). A Liga de Honra era composta por 16 equipas, num campeonato a duas voltas, com 30 jornadas, subindo à I Liga os dois primeiros classificados e descendo à II Divisão os dois últimos da classificação final. A Taça da Liga era constituída por várias fases, por grupos e por eliminatórias, inicialmente apenas com equipas da Liga de Honra e numa fase mais adiantada com a introdução das equipas da I Liga. O vencedor seria decidido numa final a um só jogo. Por fim, a Taça de Portugal era composta por equipas da I Liga, Liga de Honra, II Divisão e III Divisão, em eliminatórias a uma mão até à final, excepto na meia-final que seria realizada a duas mãos.

Deste modo o Estoril-Praia estava enquadrado num contexto competitivo de Futebol Sénior de alta competição, com clubes e atletas profissionalizados, com uma densidade competitiva de 1 jogo oficial por semana, e em alguns casos com 2 jogos por semana (ver figura 3)⁹.

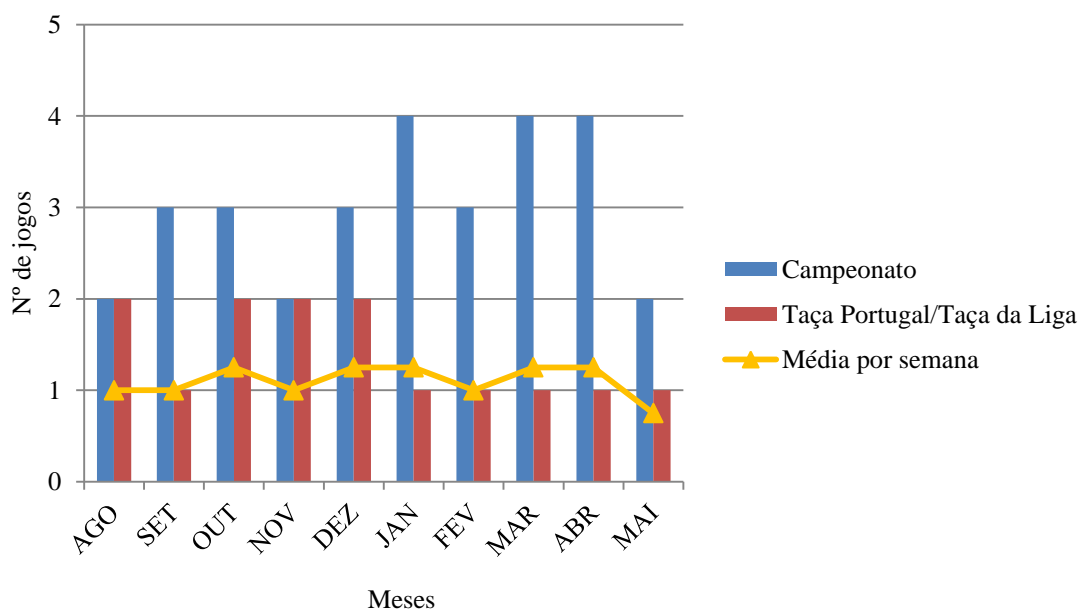


Figura 3 – Densidade competitiva da equipa do Estoril-Praia ao longo da época 2011/2012.

⁹ http://www.zerozero.pt/equipa.php?epoca_id=141&id=1734

A Liga de Honra é extremamente competitiva, existindo uma pequena diferença pontual entre as equipas ao longo de todo o campeonato. Os lugares de promoção e despromoção normalmente são apenas decididos nos últimos jogos (nas últimas 5 épocas só duas vezes a diferença pontual entre o 1º e o último classificado na I Liga foi de menos de 50 pontos, enquanto que na Liga de Honra essa diferença pontual no mesmo período apenas numa ocasião ultrapassou os 40 pontos). Outra característica particular nesta Liga prende-se com o facto de existir muita rotatividade nas equipas que ocupam os primeiros lugares da tabela classificativa ao longo das épocas (nas últimas 10 épocas apenas 3 equipas conseguiram ocupar por mais que uma vez os lugares de promoção à I Liga). Por outro lado, o nível competitivo das equipas da Liga de Honra encontra-se ainda bastante abaixo do nível das equipas da I Liga, sendo que nas últimas 4 épocas apenas numa ocasião uma equipa da Liga de Honra atingiu as meias-finais da Taça de Portugal ou Taça da Liga.¹⁰

3.1.1.1.4. Caracterização dos adversários

Relativamente aos adversários da Liga de Honra 2011/2012, todas as equipas eram orientadas por treinadores portugueses à partida para o primeiro jogo oficial da época, sendo que a única equipa com um treinador estrangeiro era o Estoril-Praia.¹¹ Observa-se também uma grande predominância de jogadores brasileiros no campeonato, logo a seguir à maioria de jogadores de nacionalidade portuguesa. Os restantes jogadores estrangeiros eram em grande parte de origem africana. Estes dados podem ser observados na figura 4, onde é feita uma análise a todas as equipas da Liga de Honra relativamente à sua nacionalidade.

¹⁰ http://www.zerozero.pt/competicao.php?id_comp=42

¹¹ http://www.zerozero.pt/competicao.php?id_comp=42

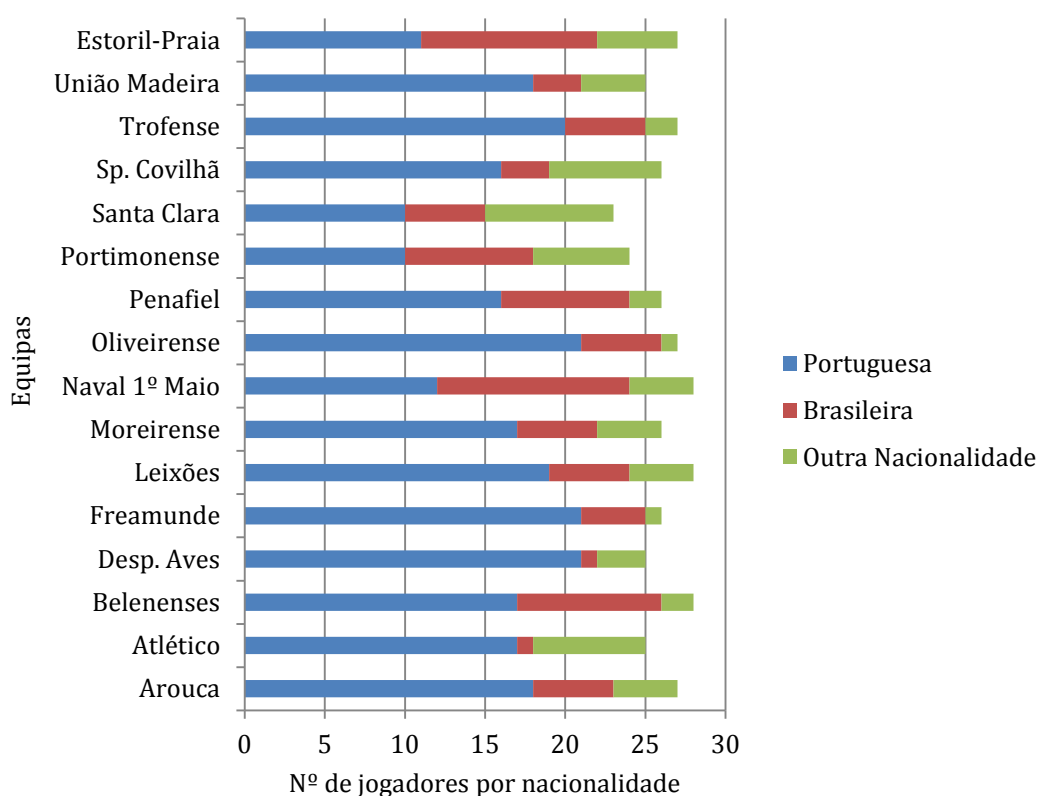


Figura 4 – Nacionalidade dos jogadores das equipas da Liga de Honra, época 2011/2012.

Relativamente aos padrões de jogo das equipas, grande parte dos adversários joga num sistema de 4x3x3 (com um ou dois pivots defensivos), com um estilo de jogo predominantemente directo, tendo como referência ofensiva um avançado alto e possante e dois extremos rápidos e fortes em situações de 1x1. Relativamente aos médios, a maior parte das equipas joga com um médio defensivo, forte fisicamente, com pouca capacidade em construir e organizar o jogo da equipa em fase ofensiva (pouco intervenientes nesta fase). Quanto aos médios interiores e médios ofensivos, existem dois padrões de jogadores distintos: médios mais criativos, sendo os principais organizadores e lançadores do jogo ofensivo das suas equipas; e médios, com menor capacidade de manter a posse de bola mas com maior combatividade e capacidade de desarme e intercepção e que asseguram também muita profundidade ao jogo ofensivo das suas equipas, através de penetrações com e sem bola. Os defesas laterais são habitualmente jogadores rápidos, apoiando com frequência os extremos no meio campo ofensivo, sendo que em muitas equipas a principal preocupação prende-se com o equilíbrio defensivo em que os laterais não usufruem de tanta liberdade de acção

ofensiva. Os defesas centrais são jogadores que sempre que pressionados têm tendência em procurar jogo directo para os extremos ou avançado. Têm pouca capacidade de circular a bola na 1ª etapa do processo ofensivo, e são jogadores que pouco participam nas jogadas de ataque, passando as suas obrigações fundamentalmente por tarefas defensivas.

De um modo geral as equipas na Liga de Honra são muito homogéneas quanto aos padrões de jogo, com os principais desequilíbrios a acontecerem em contra-ataque, sendo os momentos de transição ofensiva fundamentais para a criação dos tais desequilíbrios e das oportunidades de golo. Em organização defensiva várias equipas baixam o bloco defensivo, procurando explorar o espaço em profundidade no contra-ataque. Uma das tendências verificadas em várias equipas é a preocupação excessiva em acompanhar de perto, com marcações apertadas, os movimentos dos jogadores adversários, muitas vezes abrindo espaços em zonas fundamentais para o equilíbrio de uma equipa: por exemplo, o espaço entre defesa lateral e defesa central, entre defesas centrais, ou entre defesas centrais e médios. Nos lances de bola parada é de destacar o facto de muitas equipas adoptarem o método defensivo à zona nos cantos e livres laterais. Os lances de bola parada são das situações mais exploradas pelas equipas na obtenção de golos.

3.1.1.2. Prognóstico

3.1.1.2.1. Definição de objectivos

A principal prioridade para a equipa do Estoril-Praia na época 2011/12 passava pela promoção à I Liga, sendo por isso o principal objectivo garantir um dos dois primeiros lugares no final do campeonato da Liga de Honra. Quanto às duas outras competições em que participava, na Taça da Liga o objectivo mínimo era passar a 1ª fase de grupos e na Taça de Portugal era passar a 3ª eliminatória. Ultrapassadas essas fases/eliminatórias, o objectivo passava por tentar fazer o melhor possível em termos desportivos. Outro objectivo procurado pela empresa que gere o Estoril-Praia, Futebol-SAD, a Traffic, passava pela rentabilização e valorização dos jogadores para poderem no futuro ser transferidos para outros clubes.

3.1.1.2.2. Definição de princípios orientadores do trabalho

O Estoril-Praia, Futebol-SAD tem um conjunto de regras e normas de conduta, assim como um regulamento interno a ser aplicado por todos os funcionários dentro do clube. No entanto, o seu conteúdo não foi autorizado a ser divulgado pela direção do clube.

3.1.2. Organização do processo de treino

3.1.2.1. Definição do modelo de jogo

Segundo Oliveira (1991), modelo de jogo deve ser entendido como o núcleo central de ideias que o treinador pretende que sejam adoptados pela equipa, tendo por base os princípios de jogo relacionados com os comportamentos tácticos defensivos, ofensivos e de transição ofensiva e defensiva. Em seguida apresenta-se o modelo de jogo adoptado pela equipa sénior do Estoril-Praia na época 2011/12, formulado de acordo com as ideias do treinador Vinícius Eutrópio, e uma comparação com as alterações efectuadas com a entrada do treinador Marco Silva.

3.1.2.1.1. Modelo de jogo do Estoril-Praia com o treinador Vinícius Eutrópio

Organização estrutural

Sistema táctico: 1x4x4x2 (no período preparatório foi mais utilizado um 1x4x3x2x1).

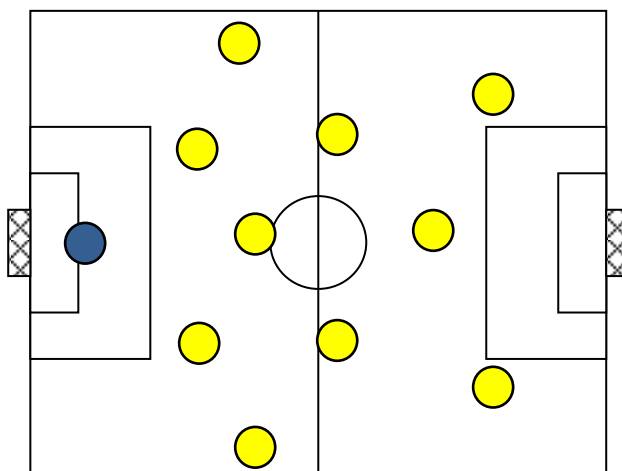


Figura 5 – Organização estrutural da equipa com Vinícius Eutrópio.

Organização ofensiva

Método: Ataque organizado

Macro-princípios:

- Amplitude, garantindo largura e profundidade em todo o processo ofensivo;
- Manutenção e circulação da posse de bola num estilo curto e apoiado;
- Procura dos corredores laterais para criação de superioridade numérica e como zona preferencial para progressão no campo com a finalidade de chegar ao sector ofensivo.

Meso e Micro-princípios:

- Na 1ª etapa do processo ofensivo, circulação de bola entre os defesas centrais e médio defensivo que baixa frequentemente para a 1ª linha formando uma linha de 3 jogadores, com a subida dos laterais para a linha dos médios interiores (ver figura 6-A).
- Muita lateralização de jogo nesta 1ª etapa, com os interiores a procurarem com frequência o espaço deixado livre pelas subidas dos laterais (ver figura 6-A).
- Os dois defesas centrais procuram com alguma frequência lançamentos longos para os avançados, explorando o espaço nas costas da última linha defensiva.
- Nos corredores laterais são explorados os envolvimentos entre o defesa lateral, o médio interior e o avançado do lado correspondente, existindo muita liberdade de processos nesta fase.
- A equipa procura explorar ao máximo os corredores laterais para realizar cruzamentos para a grande área, como forma preferencial de criar oportunidades de golo, através dos envolvimentos dos jogadores atrás referidos.
- O médio ofensivo é o principal organizador de jogo, tendo bastante liberdade de acção, aproximando-se muitas vezes dos defesas centrais para receber a bola e transportá-la para o ataque. Aparece com frequência no espaço entre a linha dos médios e dos defesas adversários procurando aí criar desequilíbrios.
- Os dois avançados procuram com frequência aproximações à bola para explorar em seguida o espaço nas costas da defesa adversária com movimentações de ruptura. Jogam habitualmente bastante abertos sendo os principais responsáveis pela largura da equipa no sector ofensivo, aparecendo com mais frequência na zona dos laterais adversários do que na zona dos centrais.

- As zonas de finalização em situações de cruzamento são: avançado do lado da bola a entrar na zona do 1º poste, avançado oposto a entrar na zona do 2º poste e médio ofensivo na zona de penalty. Se for um dos avançados a cruzar o médio ofensivo deve atacar zona do 1º poste. O médio interior do lado da bola deve ocupar zona da entrada da área de forma a ganhar algum ressalto (ver área vermelha da figura 6-B).
- O médio interior oposto deve realizar o equilíbrio mais atrás juntamente com o médio defensivo, sendo que deve ficar na expectativa para o caso de sobrar a bola de um ressalto para a sua zona e poder recuperá-la e manter a posse de bola ou rematar à baliza (ver área azul da figura 6-B).
- O defesa lateral oposto à zona da bola deve apenas dar largura na 1ª e 2ª etapa do processo ofensivo, sendo que quando a equipa chega perto do sector ofensivo esse lateral aproxima-se do defesa central do seu lado realizando o equilíbrio defensivo (ver área azul da figura 6-B).

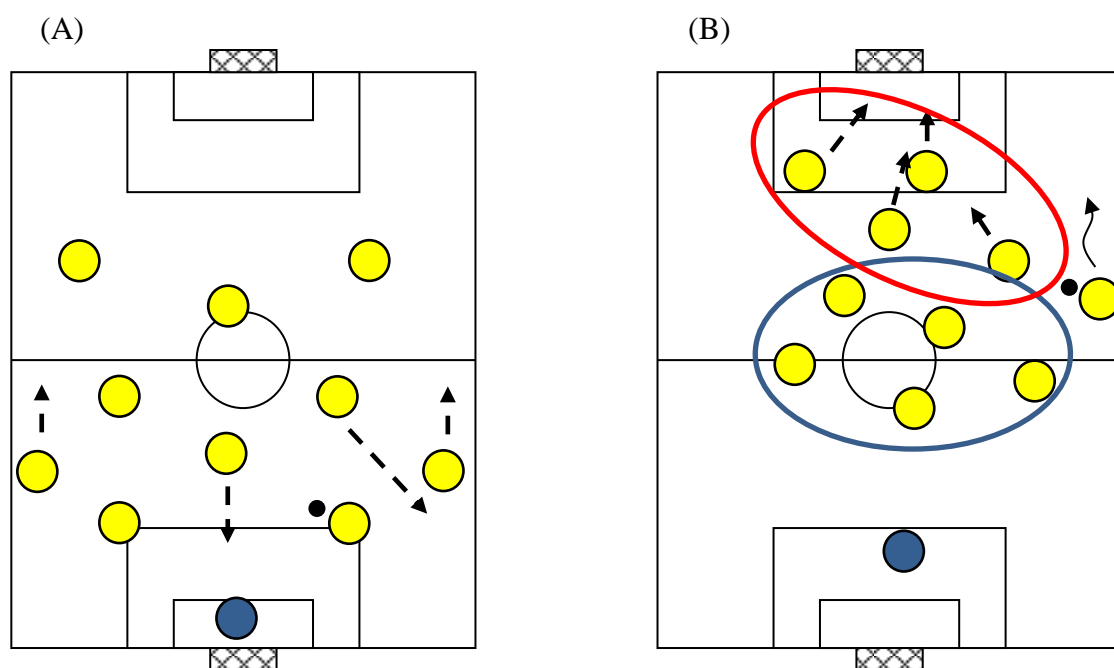


Figura 6 – Organização Ofensiva: (A) - 1ª etapa do processo ofensivo; (B) - Situação de cruzamento.

Transição ofensiva

Método: Contra-ataque

Macro-princípios:

- Explorar o espaço em profundidade, procurando retirar a bola da zona de pressão e variando rapidamente o corredor de jogo.

Meso e Micro-princípios:

- O médio ofensivo, ficando normalmente no corredor central a meio do meio-campo defensivo, é a primeira referência para lançar os contra-ataques (ver área azul da figura 7).
- Os dois avançados normalmente ficam na zona do meio campo quando a equipa está em organização defensiva, explorando rapidamente o espaço em profundidade quando a equipa recupera a bola (ver área vermelha da figura 7).
- A equipa alterna transições rápidas com passes longos para os avançados (utilizando muitas vezes como primeira referência de passe o médio ofensivo), com transições rápidas com passes mais curtos ou em progressão com bola, levando-a de um corredor ao outro, explorando a zona de menor pressão no campo.

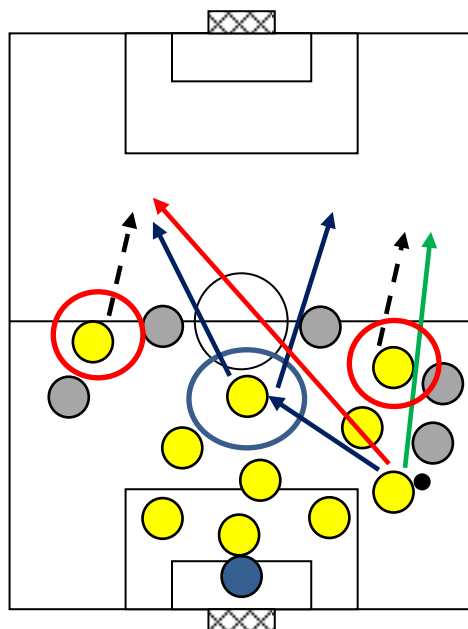


Figura 7 – Principais referências de passe nas transições ofensivas.

Organização defensiva

Método: Defesa à zona

Macro-princípios:

- Concentração de todos os jogadores num bloco médio;
- Basculações defensivas em torno da bola, defendendo em “dois corredores”;
- Zona de pressão: corredor lateral.

Meso e Micro-princípios:

- Na 1ª etapa do processo defensivo, os avançados ocupam os corredores laterais vigiando a acção dos laterais adversários e o médio ofensivo ocupa o corredor central vigiando a acção do médio defensivo adversário. O médio ofensivo pressiona o central apenas quando a bola é devolvida do defesa lateral para o defesa central (procurando surpreender o adversário). Neste momento o avançado oposto ocupa o espaço perto do defesa central mais longe do centro de jogo (ver figura 8-A).
- O avançado deve acompanhar as subidas do defesa lateral adversário.
- A zona de pressão no corredor lateral ocorre pela acção do avançado, do lateral e do médio interior, impedindo a circulação de bola, e com o médio ofensivo e o médio defensivo a posicionarem-se no corredor central (ver área vermelha da figura 8-A).
- O médio interior oposto à localização da bola posiciona-se no corredor central, tal como o defesa lateral contrário. Os defesas centrais completam a basculação defensiva da equipa no sentido do local da bola.
- No meio campo defensivo, quando o avançado não acompanha as subidas do defesa lateral adversário, é o médio interior que faz esse acompanhamento, garantindo sempre (com ou sem a presença do lateral adversário) dois jogadores sobre o corredor lateral perto das zonas de cruzamento – o defesa lateral prevenindo a progressão do adversário para o sector defensivo e o médio interior ocupando o espaço de progressão para o corredor central (ver área vermelha da figura 8-B).
- Em situação de cruzamento, os dois defesas centrais e o defesa lateral devem ocupar uma zona frontal à baliza (zona do 1º poste, zona central e zona do 2º

poste), enquanto o médio defensivo e o médio interior oposto ao local da bola devem ocupar o espaço à frente dos defesas (ver área azul da figura 8-B).

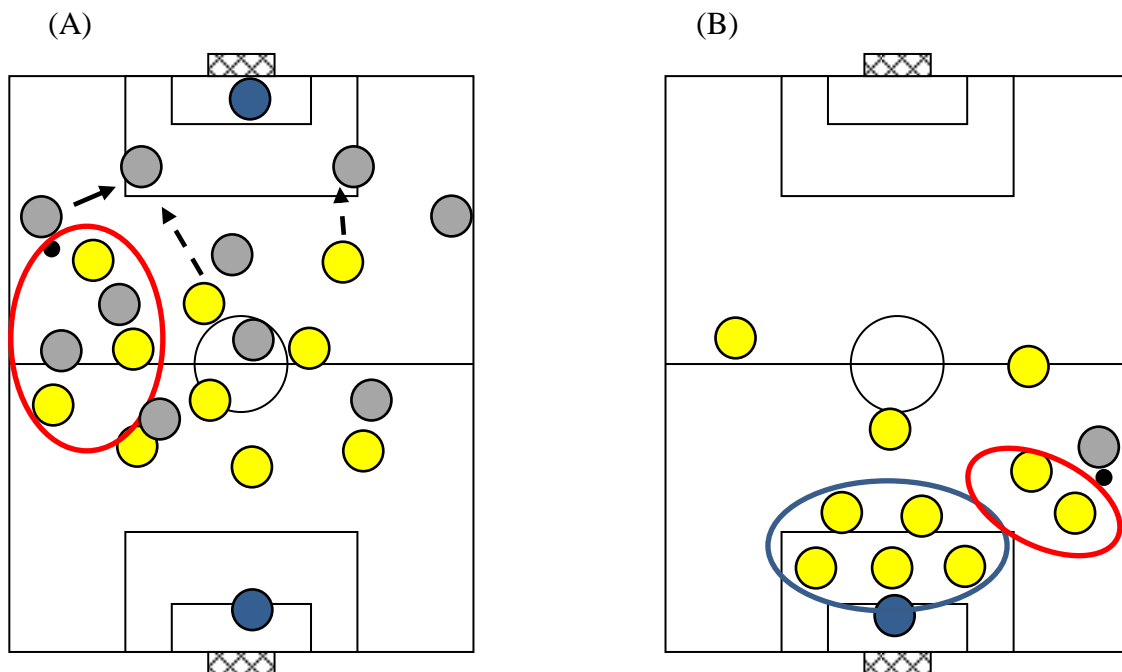


Figura 8 – Organização Defensiva: (A) - 1ª etapa do processo defensivo e zona de pressão; (B) - Situação de cruzamento.

Transição defensiva

Método: Defesa à zona

Macro-princípios:

- Reorganizar a equipa defensivamente como principal prioridade (mais do que recuperar a bola rapidamente em zonas adiantadas do campo).
- O jogador mais próximo da bola realiza contenção, temporizando para que os restantes jogadores se organizem defensivamente, consoante os princípios já definidos.

Meso e Micro-princípios:

- Os avançados e o médio ofensivo são os principais responsáveis por realizar a contenção no sector ofensivo após a perda da posse de bola.
- Caso a 1ª linha defensiva seja ultrapassada, são os médios interiores e o médio defensivo a fazerem a contenção, permitindo a recuperação defensiva dos

avancados, do médio ofensivo e de outros que possam estar em zonas mais adiantadas (p. ex., defesa lateral).

Lances de bola parada ofensivos – pontapés de canto

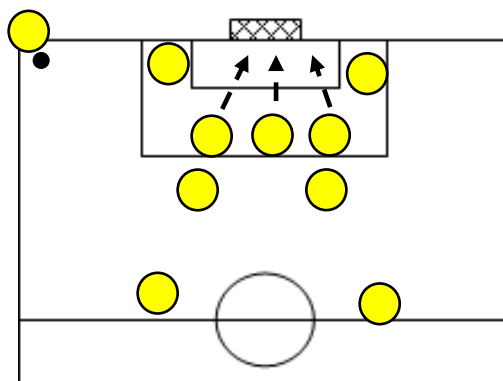


Figura 9 – Pontapés de canto ofensivos.

- Um jogador na zona do 2º poste para ganhar algum ressaltos. Um jogador na zona do 1º poste para desviar para trás ou para sair a jogar em passe curto.
- 3 jogadores (os dois defesas centrais e um dos avançados) com desmarcações de trás para a frente para a zona da pequena área.
- 2 jogadores (ou apenas 1) fora da área para ganhar possíveis ressaltos e/ou evitar saídas para contra-ataque da parte do adversário.
- 2 jogadores na zona do meio-campo mantendo o equilíbrio defensivo de forma a evitar contra-ataques do adversário (deverão ser colocados 3 jogadores no caso do adversário colocar dois jogadores na zona do meio-campo. Nesse caso deverá recuar um dos jogadores que ocupa a zona da entrada da área).

Lances de bola parada ofensivos – pontapés livre laterais

- 5 a 6 jogadores devem deslocar-se da zona da entrada da grande área para a frente.

Lances de bola parada defensivos – pontapés de canto

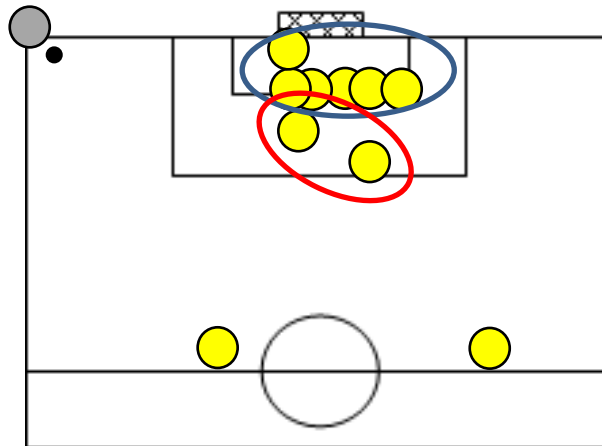


Figura 10 – Pontapés de canto defensivos.

- Um jogador a ocupar a zona do 1º poste e 5 jogadores em linha a ocupar a zona à frente da pequena área – marcação à zona (ver área azul da figura 10).
- Dois jogadores a fazer uma marcação individual a jogadores que venham da zona da entrada da área, com o objectivo de conter as suas movimentações diminuindo assim a vantagem que estes poderão obter aquando da sua chegada à zona da pequena área (ver área vermelha da figura 10).
- Dois jogadores na zona do meio campo para saírem para contra-ataque em caso de recuperação de bola.

Lances de bola parada defensivos – pontapés livre laterais

- Um ou dois jogadores devem fazer uma barreira, um jogador deve colocar-se à entrada da área, um ou dois jogadores posicionados na zona do meio campo para poderem constituir uma referência de passe em caso de recuperação da posse de bola, e os restantes jogadores a defenderem à zona, na zona frontal à baliza à entrada da grande área.

3.1.2.1.1. Alterações ao modelo de jogo do Estoril-Praia com a entrada do treinador Marco Silva

Organização estrutural

Sistema táctico: 1x4x2x3x1

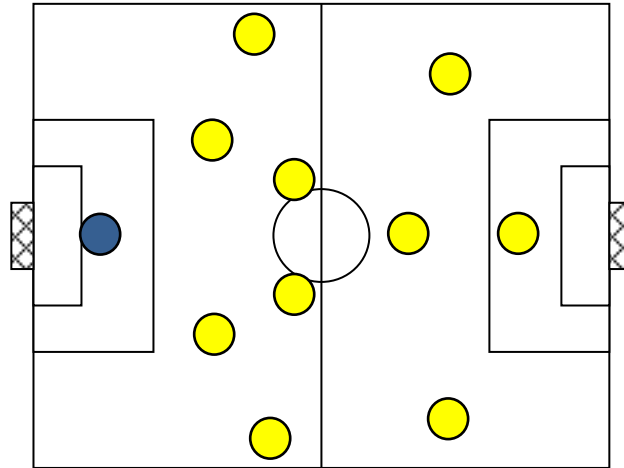


Figura 11 – *Organização estrutural da equipa com Marco Silva.*

Organização ofensiva

- A equipa embora tenha mantido um estilo de jogo assente numa circulação de bola de passe curto e apoiado, introduziu um estilo mais vertical e directo em determinados momentos do jogo, passando a ser mais objectiva na procura do golo.
- Os defesas laterais embora participem no processo ofensivo, passaram a ter menor liberdade para subir pelos corredores laterais.
- A introdução de extremos permite à equipa ter mais dinâmica nos corredores laterais, com maior liberdade para procura de situações de um contra um, diagonais interiores (com e sem bola) e combinações tanto com o lateral, como com o médios ofensivo e defensivos. Este últimos devem procurar desmarcações de apoio e de ruptura.
- A presença de um avançado centro permite à equipa ter uma referência dentro da grande área para combinações e para os cruzamentos, embora esse avançado apresente muita mobilidade, descaindo várias vezes nos corredores laterais.

Transição ofensiva

- A equipa ao realizar uma pressão forte no meio campo ofensivo, não raras vezes consegue recuperações de bola nessa zona, para em seguida rapidamente realizar passes de ruptura e finalizar as jogadas. Quando recupera a bola em meio-campo defensivo, procura sair muito rápido em contra-ataque, explorando os passes longos em profundidade para os extremos. Este momento do jogo foi alvo de uma melhoria significativa em relação à dinâmica anterior estabelecida pelo treinador Vinícius Eutrópio.

Organização defensiva

- Ao ter normalmente dois médios defensivos à frente da defesa permite à equipa bloquear muito bem o jogo interior do adversário.
- A pressão aos defesas centrais adversários é realizada pelo avançado e pelo médio ofensivo, sendo que os extremos têm a preocupação de fechar o corredor lateral e baixando sempre na ajuda ao defesa lateral (a equipa numa 1ª etapa defensiva, várias vezes encontra-se a defender em 1x4x4x2).
- Em situações de vantagem no marcador, o bloco defensivo da equipa deve baixar no terreno de jogo, conferindo a iniciativa do jogo ao adversário.

Transição defensiva

- Não obstante da procura por uma pressão forte e agressiva no momento da perda da posse de bola, a maior preocupação continua a ser a reorganização defensiva.

Lances de bola parada defensivos – pontapés de canto

- A única diferença relativamente ao modelo anterior é que os dois jogadores marcados na área vermelha na figura 10 passam a defender à zona, protegendo a área junto à marca de penalti.

Lances de bola parada ofensivos – pontapés de canto

- A diferença relativamente ao modelo anterior é que os dois jogadores que se encontravam posicionados à frente e atrás do 1º e do 2º poste, respectivamente, passam a posicionar-se junto dos três jogadores que realizam movimentos de

trás para a frente. Uma outra opção é esses mesmos jogadores explorarem a zona da pequena área.

3.1.2.2. Avaliação e controlo do treino e da competição

A avaliação e controlo do treino estavam a cargo da equipa técnica, sendo que o controlo das cargas de treino era feito pelo preparador físico André Galbe e pelo treinador-estagiário André Silvério. A avaliação e controlo da equipa e dos jogadores em competição era realizada pelos analistas do jogo estagiários, realizando-se uma análise quantitativa colectiva e individual de todos os jogadores em todos os jogos. Esta análise era posteriormente complementada com a edição de compactos de vídeo com os melhores momentos de cada jogador em cada jogo. A análise qualitativa da equipa era realizada pela equipa técnica nos dias seguintes ao jogo e discutida em reunião com os jogadores. A observação e análise das equipas adversárias eram realizadas pelo analista de jogo Rui Amaro. A partir de um determinado momento da época, os analistas estagiários passaram a realizar também compactos de vídeo de alguns jogadores adversários, complementando a análise das equipas adversárias. A tabela 7 apresenta um esquema do programa semanal de trabalho na área da observação e controlo da *performance* da equipa. Este padrão semanal era alterado, consoante o dia do jogo, o facto de haver um ou mais jogos por semana, ou ainda pela disponibilidade do vídeo após o jogo.

Tabela 6 – Padrão semanal de análise da performance da equipa do Estoril-Praia.

Domingo	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado
Jogo Observação <i>in loco</i> no estádio – realização da análise colectiva	Visionamento do vídeo do jogo – análise individual e análise colectiva (quando a equipa joga fora)	Conclusão do trabalho do dia anterior – entrega dos relatórios com a análise colectiva e individual	Edição dos vídeos com os melhores momentos de cada jogador	Edição dos compactos vídeo dos jogadores adversários	Entrega do compacto vídeo com os melhores momentos de cada jogador e dos vídeos dos jogadores adversários	

3.1.3. Avaliação e controlo do plano

Desde o início do estágio no departamento de análise de jogo da equipa profissional do Estoril-Praia que foi sendo feita uma reflexão crítica da actividade desenvolvida dentro da equipa ao longo da época. Essa reflexão crítica foi sistematizada em duas áreas: análise às tarefas realizadas, ou seja, uma análise crítica às tarefas desempenhadas dentro do clube ao longo do ano; e análise da prestação da equipa, ou seja, uma análise crítica à *performance* da equipa nas diferentes competições em que participou. Esta análise realizou-se através de discussões entre estagiários, reuniões periódicas com os responsáveis dentro do clube (nomeadamente com a equipa técnica) e reuniões de acompanhamento na faculdade junto do orientador.

Esta análise / reflexão crítica vem discriminada em relatórios mensais que podem ser consultados em anexo. No entanto, verifica-se que relativamente à análise às tarefas realizadas pelos analistas do jogo estagiários, houve uma base de tarefas que se manteve ao longo da época, sendo que a essas tarefas foram acrescentadas outras que vieram aumentar a pertinência e a utilidade do trabalho feito pelos analistas do jogo estagiários. Por outro lado, no que à análise da prestação da equipa diz respeito, verificou-se um crescendo nos resultados obtidos ao longo do tempo, tendo obtido poucas vitórias nos primeiros jogos, sendo que depois da mudança de treinador principal, a equipa começou a ganhar mais jogos. A equipa apresentou mais consistência tanto no processo ofensivo como no processo defensivo, passando a ser das equipas com mais golos marcados e a equipa com menos golos sofridos no campeonato.

3.2. Investigação e Inovação Pedagógica

3.2.1. A eficácia do método defensivo nos lances de bola parada no futebol

3.2.1.1. Introdução

Face à evolução dos jogos desportivos colectivos, com um equilíbrio cada vez maior entre as equipas, existe uma preocupação cada vez mais acentuada relativamente a alternativas que possam fazer a diferença nos jogos (Teodorescu, 1984). Deste modo os lances de bola parada (ou esquemas tácticos) devem ser tidos em conta como uma das alternativas à resolução favorável num jogo, nomeadamente no futebol.

Diversos estudos têm revelado a relevância e preponderância que este tipo de situações, cantos e livres, têm durante o jogo, quer no número de vezes que se realizam, quer no número de golos que se obtêm a partir deles. Em cada jogo são efectuados aproximadamente 20 lances de bola parada (Bangsbo & Peitersen, 2000). Num estudo realizado, onde foram analisados 26 jogos, foram marcados 35 golos através de lances de bola parada (47% do total dos golos obtidos), sendo que 15 foram obtidos através de livres e 7 através de cantos e os restantes de penalti ou lançamentos de linha lateral (Ensum, Williams & Grant, 2000).

Da mesma forma que as equipas que atacam dão importância aos esquemas tácticos como uma solução válida e consistente para a obtenção de golos, também é natural que as equipas que defendem também assumam esse momento como de grande importância e procurem desse modo definir estratégias que lhes permitam superiorizar-se ao adversário. Tal como nos lances de bola corrida, os lances de bola parada podem ser realizados de acordo com três métodos defensivos distintos: defesa individual, defesa à zona e defesa mista (Casanova, 2009; Bessa, 2010).

Na defesa individual nos lances de bola parada, cada jogador é responsável por marcar um adversário em particular, tendo que o ter sob controlo e nunca se afastando dele em nenhuma circunstância. Essa marcação deve ser tanto mais agressiva quanto mais próximo da sua baliza estiver (Casanova, 2009).

Segundo o mesmo autor, a defesa à zona nos lances de bola parada é caracterizada pelo facto de cada defensor ser responsável por uma zona do terreno intervindo no jogo activamente a partir do momento em que a bola ou o adversário com bola entrem no seu raio de acção. A sua responsabilidade, ao contrário da defesa individual, é definida em função da zona e não do adversário. Os elementos da equipa que defende colocam-se normalmente em zonas que consideram ser as mais perigosas para a sua baliza e que nos cantos são normalmente entre a linha de baliza e próximo da marca de penalti, acumulando um grande número de jogadores na zona frontal à baliza. Nos livres entre a linha final e a continuação da linha da grande área a colocação dos jogadores é semelhante à dos cantos, com a diferença da substituição dos jogadores do 1º poste com os jogadores da barreira. Nos livres laterais atrás da continuação da linha da grande área, os jogadores colocam-se, normalmente, em linha com a barreira ocupando as zonas consideradas mais perigosas para a sua baliza.

Por fim, ainda segundo Casanova (2009), a defesa mista é uma mistura das duas anteriores, utilizando características específicas de cada um desses dois métodos. Neste método defensivo, encontram-se jogadores que respeitam os princípios da defesa individual e jogadores que respeitam os princípios de defesa à zona, havendo desse modo preocupações da equipa em marcar o espaço e em marcar o adversário. Este método pode ter uma variedade muito grande: 1) por um lado, pode ser composta na sua maioria por jogadores a defender à zona e desse modo assemelhar-se mais ao método defensivo zonal; 2) por outro lado, pode ter mais jogadores a realizar defesa individual e desse modo assemelhar-se mais com o método de defesa individual.

Segundo Gil (2004), 84% das equipas utilizam um método de defesa mista nos cantos, enquanto a defesa à zona é utilizada por 14% das equipas e apenas 2% realiza defesa individual. Por outro lado Barreira (2006), num estudo realizado no Euro 2004, constatou que a defesa mista foi a mais utilizada nos cantos (79,5%), mas a defesa individual aparece em segundo lugar, com 17% dos lances, e a defesa à zona com apenas 3,4%.

Num estudo realizado por Casanova (2009) no Euro 2008, a defesa à zona revelou-se mais eficaz do que a defesa mista e individual nos cantos. Por outro lado, os autores no mesmo estudo constataram que a defesa mista foi mais eficaz nos livres. Em ambos os casos não existem diferenças estatisticamente significativas na eficácia entre os métodos defensivos. De referir ainda que neste estudo a defesa à zona verificou-se em 36,1% dos lances, a defesa individual em 25,2% e a mista em 38,8%. Por outro lado, Bessa (2010) concluiu que o método mais eficaz nos cantos foi a defesa mista 2 (com 2 ou mais jogadores a defender à zona e os restantes em defesa individual, ou o inverso), seguida da defesa à zona. Nos livres o método mais eficaz foi a defesa à zona seguida da defesa mista 2. Ainda assim, as diferenças na eficácia entre os métodos defensivos não foram estatisticamente significativas. A defesa mista foi o método mais utilizado (71,4%), seguida da defesa à zona (26,4%) e por fim da defesa individual (2,2%). De referir que a defesa mista 1 foi considerada com um jogador a defender à zona e os restantes em defesa individual.

Nos últimos anos grande parte das equipas em Portugal tem vindo a adoptar cada vez mais nos lances de bola parada defensivos um método zonal ou método misto, onde nesse caso a maior parte dos jogadores tem preocupações zonais e não tanto de

marcação individual. Deste modo, o método de marcação individual tem vindo a cair em desuso em Portugal, para cada vez mais dar lugar a uma “defesa à zona”, sendo que não existe investigação suficiente que demonstre a maior ou menor eficácia de cada um dos métodos. Por outro lado, a equipa do Estoril-Praia utiliza um método de marcação à zona nos lances de bola parada.

Este estudo tem como finalidade contribuir para o aumento do conhecimento científico acerca deste tema e constituir-se como uma ferramenta útil para a equipa técnica do Estoril-Praia, permitindo um maior conhecimento da eficácia que a equipa tem nos lances de bola parada defensivos, e criando um conhecimento bastante rigoroso da taxa de utilização de cada método pelas outras equipas, assim como da sua eficácia. O presente estudo poderá também servir como base para uma futura sistematização deste tipo de observação. Assim sendo, neste trabalho os objectivos passam essencialmente por:

- Determinar os métodos defensivos mais utilizados pelas equipas da I Liga e Liga de Honra, em lances de bola parada – cantos e livres;
- Determinar a eficácia de cada um dos métodos;
- Comparar a eficácia de cada método entre as equipas da I Liga e Liga de Honra;
- Comparar os dados das equipas das Ligas Profissionais com os dados da equipa do Estoril-Praia.

3.2.1.2. Métodos

3.2.1.2.1. Hipóteses

- H1. O método de defesa à zona nos lances de bola parada defensivos (cantos e livres) é o mais utilizado pelas equipas da I Liga e Liga de Honra – época 2011/12;
- H2. O método de defesa à zona nos lances de bola parada defensivos (cantos e livres) é significativamente mais eficaz do que os restantes métodos nas equipas e jogos observados – época 2011/12;
- H3. As equipas da I Liga são significativamente mais eficazes na utilização de cada um dos métodos defensivos nos lances de bola parada defensivos (cantos e livres), comparativamente com as equipas da Liga de Honra – época 2011/12;

H4. O método utilizado pelo Estoril-Praia nos lances de bola parada defensivos (cantos e livres) tem uma eficácia média superior (estatisticamente significativa) ao das restantes equipas – Ligas Profissionais – época 2011/12;

H5. O método utilizado pelo Estoril-Praia nos lances de bola parada defensivos (cantos e livres) tem uma eficácia média superior (estatisticamente significativa) ao das restantes equipas que utilizam o mesmo método – Ligas Profissionais – época 2011/12;

3.2.1.2.2. Amostra

Todos os pontapés de canto e pontapés livre realizados por todas as equipas da I Liga e Liga de Honra num jogo, à excepção do Estoril em que foram observados os lances de bola parada em 10 jogos no seu campeonato (Liga de Honra) – época 2011/12. Para a análise da I Liga (16 equipas) foram observados em 8 jogos, 93 cantos e 53 livres. Para a análise da Liga de Honra (16 equipas) foram observados em 8 jogos, 88 cantos e 45 livres. Para a análise do Estoril-Praia foram analisados em 10 jogos (um deles também utilizado para a análise da Liga de Honra), 57 cantos e 36 livres. Foram então observados num total de 25 jogos, 372 lances de bola parada (238 cantos e 134 livres).

3.2.1.2.3. Recolha de dados

Primeiramente, e através da visualização de cada um dos jogos, procedeu-se à recolha dos diversos lances de bola parada que aconteceram durante os jogos, tendo sido editados diversos compactos de vídeo. Posteriormente para cada jogo, com auxílio da ficha de registo e com base nos critérios previamente definidos, procedeu-se à análise de cada canto e livre, indicando o método defensivo utilizado e o nível de eficácia do mesmo.

3.2.1.2.4. Análise de dados

A variável dependente deste estudo é o nível de eficácia de cada método defensivo nos lances de bola parada (numa escala de 1 a 5). As variáveis independentes são o grupo (I Liga, Liga de Honra e equipa do Estoril-Praia), o tipo de lance de bola parada (cantos e livres) e o método defensivo utilizado (defesa individual, defesa à zona e defesa mista).

3.2.1.2.5. Procedimentos estatísticos

De modo a verificar qual o método defensivo mais utilizado, procedeu-se à contagem de cada canto ou livre, classificando-os segundo cada uma das categorias e calculando a percentagem de lances que cada método engloba na I Liga e Liga de Honra. Em seguida calculou-se a eficácia média e o desvio padrão de cada método defensivo nos diferentes grupos (I Liga, Liga de Honra e Estoril-Praia). Com o objectivo de verificar se as diferenças entre as eficácias médias de cada um dos métodos defensivos são estatisticamente significativas, recorreu-se ao teste One-Way ANOVA ou ao teste de Kruskal-Wallis (caso os pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias não sejam assegurados).

Por outro lado, com o objectivo de verificar a existência ou não de diferenças significativas entre as eficácias médias da I Liga com as da Liga de Honra, para cada um dos métodos defensivos, recorreu-se ao Teste-T para amostras independentes ou ao teste de Mann-Whitney (caso os pressupostos da normalidade não sejam assegurados).

Por fim, para comparar a eficácia média do Estoril-Praia com a eficácia média das restantes equipas e comparar a eficácia média do Estoril-Praia com a eficácia média das restantes equipas que utilizem o mesmo método (confirmar a existência ou não de diferenças significativas) realizaram-se os mesmos procedimentos estatísticos daqueles que são enunciados no parágrafo anterior.

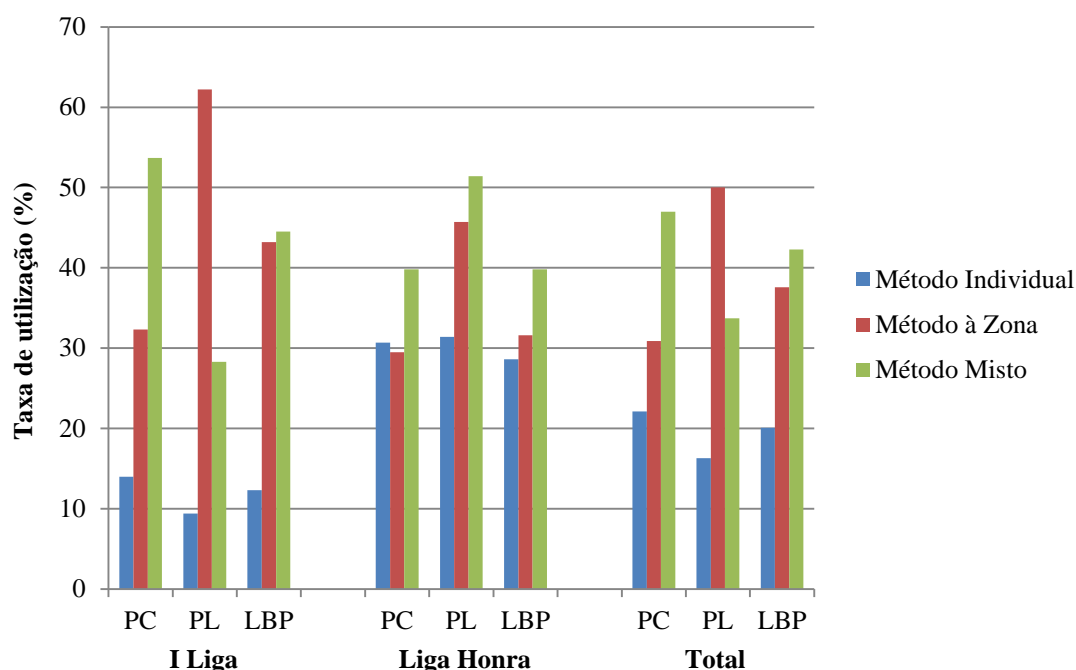
Para todos os testes realizados, verificou-se a Normalidade de cada uma das variáveis do estudo através do teste de Shapiro-Wilk e homogeneidade das variâncias através do teste de Levene. O nível de significância (p) para todos os testes estatísticos foi de 0,05.

3.2.1.3. Resultados e Discussão

Em seguida irá ser feita uma análise detalhada aos resultados obtidos, procurando compreender quais os métodos defensivos mais utilizados pelas equipas das Ligas Profissionais em lances de bola parada. Também será feita uma análise à eficácia que cada um dos métodos apresenta nos jogos observados, bem como uma análise comparativa à eficácia de cada método entre as equipas da I Liga e Liga de Honra. Por fim, será feita também uma comparação entre os dados das equipas das Ligas Profissionais com os dados do Estoril-Praia.

3.2.1.3.1. A utilização dos métodos defensivos

Analisando qual o método defensivo mais utilizado nos lances de bola parada nas Ligas Profissionais, verifica-se, pela análise da figura 12, que o método misto foi o mais utilizado (42,3%), seguido do método zonal (37,6%), tanto na I Liga como na Liga de Honra. Verifica-se deste modo que o método individual foi o menos utilizado (20,1%) em qualquer uma das Ligas Profissionais em Portugal.



Legenda: PC – Pontapé de Canto; PL – Pontapé Livre; LBP – Lance de Bola Parada.

Figura 12 - Percentagem de observações dos diferentes métodos defensivos utilizados nos lances de bola parada das Ligas Profissionais.

Fazendo referência apenas aos pontapés de canto, o método misto foi na mesma o mais utilizado (47,0%), em ambas as Ligas Profissionais. Tal como foi verificado em estudos anteriores, o método misto foi o mais utilizado, apesar desses resultados serem bastante diferentes daqueles apresentados por Gil (2004) e Barreira (2006), em que o método misto tem uma percentagem muito mais elevada (84,0% e 79,5%, respectivamente). Apenas relativamente aos dados de Casanova (2009), que segue um protocolo idêntico ao deste estudo, os resultados apresentam percentagens mais equiparadas, sendo que os resultados da Liga de Honra apenas diferem em 1% dos de Casanova. Quanto às percentagens dos outros métodos, apenas existe alguma

semelhança com os resultados obtidos por Casanova (2009), onde o método individual foi o menos utilizado mas que mesmo assim obtém uma percentagem bastante significativa. No caso da Liga de Honra, o método individual acaba mesmo por ter ligeiramente maior frequência de utilização do que o método zonal (30,7% e 29,5%, respectivamente).

É importante referir que em quase todos os pontapés de canto, mesmo no caso das equipas que procuraram fazer uma marcação individual, houve a preocupação de colocar um jogador na zona do 1º poste e um outro na zona do bico da pequena área do lado em que o canto é marcado. Por outro lado, foram muito raras as vezes em que algum jogador foi colocado na zona do 2º poste.

Como foi referido anteriormente, o método misto pode assumir diversas formas, sendo que em muitas ocasiões foram observadas equipas que colocavam 5/6 jogadores a defender à zona à volta da pequena área e 2 ou 3 jogadores a realizarem marcação individual a alguns dos jogadores adversários mais fortes desde a zona de penalti ou da entrada da área. Noutras equipas verificou-se o inverso, com 2 ou 3 jogadores a defender numa marcação à zona e os restantes a marcarem individualmente os seus adversários directos. Também se verificou em alguns casos uma distribuição muito equitativa do número de jogadores que defendiam individualmente e do número de jogadores que defendiam à zona. De sublinhar que as equipas que utilizavam o método zonal, ou o método misto com a maioria dos jogadores a defender à zona, em muitos dos lances observados colocavam todos os jogadores em missão defensiva, não deixando ninguém mais adiantado no campo para possíveis contra-ataques.

Fazendo agora uma análise dos pontapés livres, verifica-se que o método de defesa à zona foi o mais utilizado no total das Ligas Profissionais (50,0%). Discriminando as duas Ligas Profissionais verifica-se que o método zonal foi o mais utilizado na I Liga (62,2%), mas na Liga de Honra foi o método misto o mais frequentemente utilizado (51,4%). O método individual foi o menos utilizado (16,3%), tanto na I Liga como na Liga de Honra. Os resultados obtidos neste estudo não são coincidentes com os dados obtidos por Casanova (2009), sendo que o método zonal foi o mais frequentemente utilizado no total das Ligas Profissionais (50,0%), enquanto Casanova no seu estudo concluiu que o método misto foi o mais utilizado (63,8%). Quanto ao método individual, as percentagens são semelhantes (16,3% neste estudo e

18,1% no estudo de Casanova). Deste modo a grande diferença está entre a utilização do método zonal e do método misto.

Tal como nos cantos, a defesa mista assumiu diversas formas, sendo que neste caso quando havia uma maioria de jogadores a defender à zona era menos comum a utilização de outros jogadores em marcação individual, o que pode explicar a diferença nas percentagens dos cantos para os livres. No entanto, quando o adversário colocava jogadores noutras zonas que não aquelas que a equipa em situação defensiva estava a vigiar (fora da linha dos defesas), havia a preocupação em libertar um jogador para marcar individualmente esse adversário – por exemplo, quando um jogador adversário em vez de ficar perto da área, dava uma linha de passe no corredor lateral.

Também se verificou em alguns casos uma equipa a marcar individualmente todos os jogadores adversários, mas dada a preocupação em colocar muitos jogadores em situação defensiva, “sobravam” alguns jogadores que não tinham adversário directo e desse modo realizavam marcação à zona. Quando o adversário colocava mais jogadores a atacar, esses jogadores que “sobravam” passavam a marcar individualmente. Deste modo, nestes casos o método oscilava entre defesa mista e defesa individual, consoante o número de jogadores adversários que eram colocados nas zonas próximas da baliza.

Em suma, o método misto foi aquele que mais vezes foi utilizado, tanto pelas equipas da I Liga como pelas equipas da Liga de Honra. Nos cantos essa prevalência existiu em ambas as Ligas, enquanto nos livres o método zonal foi o mais utilizado, mas apenas na I Liga, já que na Liga de Honra foi na mesma o método misto o mais utilizado. Em todos os casos o método de defesa individual foi o menos utilizado, excepto nos pontapés de canto da Liga de Honra. Assim verifica-se que em ambas as realidades competitivas as tendências são comuns em muitos aspectos, variando apenas em algumas variáveis já descritas.

3.2.1.3.2. A eficácia dos métodos defensivos

Analisando os resultados obtidos no estudo da eficácia dos diferentes métodos defensivos nos lances de bola parada, descritos na tabela 7, verifica-se que no total das Ligas Profissionais não se verificaram diferenças significativas entre a eficácia dos diferentes métodos ($H(2) = 5,874$, $p = 0,053$). Discriminando ambas as Ligas, na Liga

de Honra, mais uma vez não se registaram diferenças significativas entre a eficácia dos métodos defensivos ($H(2) = 2,488$, $p = 0,288$), enquanto na I Liga foi o método individual o mais eficaz ($4,64 \pm 0,63$), com diferenças significativas ($H(2) = 4,074$, $p = 0,130$). Importa salientar que neste caso, método individual na I Liga, apenas foram contabilizadas 14 ocorrências. Em ambas as Ligas, o método misto foi o que se revelou menos eficaz ($4,11 \pm 1,25$ na I Liga e $4,15 \pm 1,30$ na Liga de Honra).

Tabela 7 - Eficácia média e desvio padrão dos diferentes métodos defensivos utilizados nos lances de bola parada nas Ligas Profissionais.

Método Defensivo	Total das Ligas Profissionais			I Liga	Liga de Honra
	PC	PL	LBP	LBP	LBP
Individual	$4,24 \pm 1,13$	$4,92 \pm 0,28$	$4,41 \pm 1,02$	$4,64 \pm 0,63$	$4,32 \pm 1,13$
Zona	$4,45 \pm 1,07$	$4,50 \pm 1,15$	$4,47 \pm 1,10$	$4,42 \pm 1,13$	$4,55 \pm 1,06$
Misto	$4,18 \pm 1,24$	$4,00 \pm 1,36$	$4,13 \pm 1,27$	$4,11 \pm 1,25$	$4,15 \pm 1,30$
Total	$4,27 \pm 1,16$	$4,40 \pm 1,18$	$4,32 \pm 1,17$	$4,31 \pm 1,16$	$4,33 \pm 1,18$

Legenda: PC – Pontapé de Canto; PL – Pontapé Livre; LBP – Lance de Bola Parada.

Relativamente apenas à eficácia de cada método defensivo nos pontapés de canto, no total das Ligas Profissionais verifica-se não existiam diferenças significativas na eficácia entre nenhum dos métodos ($F(2) = 0,934$, $p = 0,395$). Estes resultados são coincidentes com os dados de Casanova (2009), com a defesa à zona a ser a mais eficaz nos cantos ($4,67 \pm 0,83$), seguida da defesa individual ($4,41 \pm 0,90$), e por fim da defesa mista ($4,20 \pm 1,16$), não existindo também diferenças estatisticamente significativas entre nenhum dos métodos.

Quanto à eficácia dos métodos defensivos nos pontapés livres, no total das Ligas Profissionais, o método individual foi o mais eficaz ($4,92 \pm 0,28$), seguido do método zonal ($4,50 \pm 1,15$) e por fim do método misto ($4,00 \pm 1,36$). Neste caso as diferenças observadas são estatisticamente significativas ($H(2) = 6,757$, $p = 0,034$), ou seja, existe efectivamente uma considerável maior eficácia do método individual relativamente aos restantes métodos. Importa salientar que neste caso, método individual nos pontapés livres, apenas foram contabilizadas 13 ocorrências. Estes resultados são contraditórios com os resultados obtidos por Casanova (2009). Esse autor concluiu que a defesa mista foi a mais eficaz ($4,68 \pm 0,90$), seguida da defesa à zona (que por sinal apresenta resultados muito semelhantes com o nosso estudo - $4,53 \pm 1,01$) e por último da defesa

individual ($4,47 \pm 1,18$), não existindo contudo diferenças estatisticamente significativas na eficácia entre os métodos.

Por fim, comparando os lances de bola parada da I Liga com os da Liga de Honra, verificou-se que não existem diferenças significativas na eficácia média entre as duas Ligas no método individual ($Z(49) = 237, p = 0,571$), no método zonal ($t(95) = -0,561, p = 0,576$) e no método misto ($t(107) = -0,126, p = 0,900$).

É interessante verificar que apesar do método misto ter sido o mais utilizado nos pontapés de canto e o segundo mais utilizado nos pontapés livres, no total das Ligas Profissionais, acaba por ser aquele que foi menos eficaz, tanto nos cantos como nos livres, embora na maior parte dos casos sem diferenças significativas para os restantes. No entanto, importa referir que foi aquele que apresentou maior desvio padrão em qualquer um dos casos, ou seja, foi o método onde existiu maior variação na eficácia defensiva nos diferentes lances.

Vários autores referem que a defesa à zona é mais eficaz enquanto método defensivo no futebol. Oliveira (*in* Amieiro, 2004) entende a defesa à zona como “um filtro colectivo que permite um varrimento dos espaços em função da sua importância. Há zonas que temos de proteger de modo mais evidente e mais imediato, outras que vamos condicionar e outras ainda a que vamos vedar o acesso”. Casanova (2009) complementa, dizendo que nos lances de bola parada é mais coerente que se defenda e que se “ganhem” os espaços mais perigosos (que o adversário deverá aproveitar). No entanto, os resultados deste estudo, apesar de revelarem um ascendente na eficácia da defesa à zona comparativamente com os outros métodos, em nenhum dos casos apresentados houve uma diferença estatisticamente significativa em favor da defesa à zona.

Casanova (2009), em defesa do método zonal, refere que garantindo superioridade posicional e temporal e a atenção sobre o jogo permite às equipas em organização defensiva jogar de forma mais eficiente em “antecipação”, sendo que “as restantes formas de defender (entenda-se método misto ou individual) não parecem apresentar essas características”. Ora esta questão da “antecipação”, ou seja, a capacidade do jogador interceptar a bola antes do adversário, é determinante para uma equipa que utilize o método zonal nos lances de bola parada. Várias vezes observa-se que os golos sofridos pelas equipas que defendem à zona nascem da passividade do

defesa comparativamente com a acção do atacante (que muitas vezes vem em corrida desde trás para tomar balanço). Posto isto, constata-se que a hipotética vantagem que a defesa à zona tem sobre os restantes métodos, nos lances de bola parada, no que diz respeito à vantagem posicional dos defesas sobre os atacantes, acaba muitas vezes por não se verificar por haver uma passividade dos defesas no momento de interceptar a bola.

3.2.1.3.3. Comparação entre o Estoril-Praia e as equipas das Ligas Profissionais

Fazendo uma análise comparativa entre a eficácia defensiva do Estoril-Praia nos lances de bola parada (tendo em conta que em todos os lances observados utilizou o método de defesa à zona) com a eficácia defensiva do total das restantes equipas das Ligas Profissionais, verifica-se através da análise à tabela 8, que o Estoril-Praia apresentou maior eficácia no total dos lances de bola parada observados ($4,62 \pm 0,78$), sendo essa maior eficácia estatisticamente significativa ($t(237,728) = -2,926$, $p = 0,004$).

Tabela 8 - Eficácia média e desvio padrão do Estoril-Praia e das restantes equipas das Ligas Profissionais na utilização dos diferentes métodos defensivos nos lances de bola parada.

Método Defensivo	Total das Ligas Profissionais (excluindo o Estoril-Praia)			Estoril-Praia		
	PC	PL	LBP	PC	PL	LBP
Individual	$4,24 \pm 1,13$	$4,92 \pm 0,28$	$4,41 \pm 1,02$	----	----	----
Zona	$4,37 \pm 1,12$	$4,49 \pm 1,19$	$4,43 \pm 1,15$	$4,65 \pm 0,75$	$4,56 \pm 0,82$	$4,62 \pm 0,78$
Misto	$4,18 \pm 1,24$	$4,00 \pm 1,36$	$4,13 \pm 1,27$	----	----	----
Total	$4,24 \pm 1,18$	$4,39 \pm 1,20$	$4,29 \pm 1,18$	----	----	----

Legenda: PC – Pontapé de Canto; PL – Pontapé Livre; LBP – Lance de Bola Parada.

Também na análise separada aos pontapés de canto a equipa do Estoril-Praia apresentou maior eficácia ($4,65 \pm 0,75$) $4,56 \pm 0,82$ nos livres), com diferenças significativas ($t(146,844) = -3,002$, $p = 0,003$). Por outro lado, na análise aos pontapés livres já não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na eficácia dos diferentes métodos ($t(115) = -0,771$, $p = 0,442$). Comparando a eficácia defensiva do Estoril-Praia nos lances de bola parada com a eficácia defensiva do total das restantes equipas que utilizam o mesmo método do Estoril (defesa à zona), verifica-se mais uma

vez que o Estoril-Praia apresentou valores superiores na eficácia no total dos lances de bola parada, mas no entanto sem se verificarem diferenças estatisticamente significativas na eficácia defensiva ($t(150,662) = -1,302, p = 0,195$). O mesmo se sucede na análise separada aos pontapés de canto ($t(76,087) = -1,469, p = 0,146$) e aos pontapés livres ($t(73) = -0,295, p = 0,769$), não se verificando diferenças significativas entre a eficácia do Estoril-Praia e a eficácia das restantes equipas que também utilizaram o método zonal.

Destes dados conclui-se que apesar do Estoril-Praia ter apresentado mais eficácia do que o total das restantes equipas das Ligas Profissionais na defesa dos lances de bola parada, essa maior eficácia prende-se com a diferença para os restantes métodos, já que na comparação entre o Estoril-Praia e o total das restantes equipas que também utilizaram o método zonal essas diferenças não são estatisticamente significativas. Estes resultados vão também ao encontro daquilo que foi sendo a eficácia defensiva da equipa ao longo da época: teve apenas 20 golos sofridos em 30 jogos, sendo a equipa com menos golos sofridos do seu campeonato e também do total das duas Ligas Profissionais.

3.2.1.4. Conclusão

Uma das grandes ilações do presente estudo é que o método de defesa mista foi o mais utilizado nos lances de bola parada (42,3%), seguido do método de defesa à zona (37,6%) e por fim do método de defesa individual (20,1%), tanto na I Liga como na Liga de Honra. Nos pontapés de canto foi o método misto o mais utilizado, tanto na I Liga (53,7%) como na Liga de Honra (39,8%), enquanto nos pontapés livres o método mais utilizado na I Liga foi o método zonal (62,2%) e na Liga de Honra foi na mesma o método misto (51,4%).

Na análise à eficácia dos métodos defensivos nos lances de bola parada observados, verificou-se que não existem diferenças significativas entre os diferentes métodos, no total das Ligas Profissionais. Nos pontapés de canto, com a mesma amostra, mais uma vez não se verificaram diferenças significativas na eficácia dos métodos defensivos, enquanto no caso dos pontapés livres foi o método individual o mais eficaz, com diferenças significativas ($p < 0,05$). O método misto apesar de ser o mais utilizado, foi aquele que revelou menor eficácia nos lances de bola parada

observados (embora sem diferenças significativas). Apesar de haver uma tendência para as equipas actualmente optarem por um método de defesa à zona ou defesa mista, os dados obtidos neste estudo levam-nos a concluir que esses métodos não são significativamente mais eficazes do que o método individual.

Numa análise comparativa entre as duas Ligas Profissionais verifica-se uma grande semelhança na eficácia média dentro de cada um dos métodos (sem diferenças estatisticamente significativas), o que nos leva a concluir que a eficácia média dos diferentes métodos não variou muito em função do nível competitivo analisado.

Quanto à eficácia média do Estoril-Praia na utilização do método defensivo preferido nos lances de bola parada (em todos os lances observados a equipa defendeu à zona), verifica-se que obteve um valor bastante elevado ($4,62 \pm 0,78$). Essa eficácia é significativamente mais elevada do que aquela obtida pelo total das restantes equipas das Ligas Profissionais ($p < 0,05$). Por fim, comparando a eficácia do Estoril-Praia com a eficácia do total das restantes equipas que utilizaram o método zonal, verifica-se que o Estoril-Praia apresentou valores superiores, embora sem diferenças estatisticamente significativas em relação ao outro grupo analisado. Deste modo, concluímos que o Estoril-Praia revela bastante eficácia nos lances de bola parada defensivos, tanto nos pontapés de canto como nos pontapés livres, à semelhança do que acontece nos lances de bola corrida.

Com este estudo somos levados a concluir que apesar de haver uma clara predominância na frequência de utilização de cada um dos métodos defensivos nos lances de bola parada (com maior ascendente para o método misto seguido do método zonal), não existem diferenças significativas na eficácia que nos permitam dizer que um método é claramente mais eficaz do que outro (apenas na eficácia dos pontapés livres se verificam diferenças significativas entre os métodos). Deste modo, para além das convicções pessoais de cada treinador, outros factores devem ser tidos em conta aquando da escolha do método defensivo a optar, tais como: características morfológicas dos jogadores, experiência anterior dos mesmos, características dos adversários, etc. Também o tipo de lance de bola parada pode fazer variar o método defensivo a utilizar: pontapé de canto, pontapé livre lateral atrás da zona da grande área, pontapé livre lateral à frente da zona da grande área, pontapé livre frontal, etc.

A principal limitação deste estudo prende-se com o facto da amostra apenas incidir no futebol profissional português, não se podendo estabelecer uma ligação directa a outras realidades competitivas, como o futebol amador, ou o futebol profissional de outros países. Assim, em estudos futuros sugere-se um aumento da amostra, procurando analisar também outras equipas e competições, como por exemplo, comparar as tendências de alguns dos principais campeonatos europeus. A realização de um estudo semelhante em escalões de formação também poderá ser interessante, na medida em que desde os mais jovens escalões que os métodos defensivos variam de equipa para equipa.

Este estudo apresenta como implicações práticas a demonstração que qualquer um dos métodos defensivos é eficaz, sendo que a diferença entre eles é bastante pequena. Deste modo, a escolha por um dos métodos deve recair em função das características dos jogadores, entre outros factores. Por exemplo, as equipas com jogadores mais altos optam muitas vezes por escolher um método zonal. No caso da equipa do Estoril-Praia, os resultados deste estudo revelam que é uma equipa bastante eficaz nos lances de bola parada defensivos. O método utilizado é o método zonal, sendo portanto aconselhável que seja mantido, bem como a forma como o mesmo é posto em prática (a disposição e os princípios comportamentais dos diversos jogadores em missão defensiva).

3.3. Participação no Contexto Competitivo

3.3.1. Construção de uma base de dados para análise quantitativa da equipa do Estoril-Praia

3.3.1.1. Introdução

Na primeira reunião realizada com a equipa técnica, no início da época, foram dadas tarefas aos analistas do jogo estagiários, que passavam em grande parte pela análise estatística da equipa em competição. Deste modo, partiu-se de algumas ideias lançadas pelos treinadores e formulou-se uma base de dados informática, que pretendia servir de suporte à equipa técnica, tendo toda a informação estruturada de modo a que fosse facilitada a leitura e a análise dos dados. Estes dados visavam em simultâneo

facilitar a compreensão dos próprios jogadores para alguns factores do jogo (por exemplo, ter que melhorar a capacidade de finalização) ou mesmo servir como factor de motivação. No entanto, a pertinência e a utilidade de algumas das variáveis poderiam ser logo questionadas à partida por serem demasiado redutoras e descontextualizadas do jogo. Mas pelo facto das mesmas terem sido indicadas pela equipa técnica acabaram por ser incluídas na base dados para a análise de jogo. Por outro lado, algumas variáveis novas foram introduzidas e outras já existentes foram modificadas, dando uma maior contextualização aos dados e permitindo assim tirar conclusões mais pertinentes relativamente a alguns dos padrões de jogo evidenciados pela equipa em jogo.

Os grandes objectivos delineados com a construção desta base de dados passavam por (i) garantir uma análise rigorosa, objectiva, prática e pertinente da equipa – análise quantitativa colectiva – e de todos os jogadores utilizados em cada jogo realizado – análise quantitativa individual; e (ii) garantir que os dados de cada jogo realizado fossem agrupados, permitindo fazer uma análise à variação que as diferentes variáveis estudadas fossem tendo ao longo da época – evolução anual colectiva e perfil de jogador.

3.3.1.2. Procedimentos para a construção da base de dados

O suporte escolhido para a criação da base de dados foi o Microsoft Excel ® pela sua facilidade em automatizar todos os cálculos necessários, bem como na elaboração de gráficos. O ficheiro da análise quantitativa colectiva foi dividido em dados gerais, processo ofensivo, processo defensivo e uma secção de ideias chave onde era feita uma pequena análise crítica aos dados recolhidos. Por outro lado, o ficheiro da análise quantitativa individual foi dividido por jogador em atributos técnicos, atributos tácticos que variam em função da posição ocupada em campo, cruzamentos e remates realizados e perdas e recuperações de bola.

Quanto à evolução anual colectiva, foi dividida em dados gerais, processo ofensivo e defensivo. Nesse ficheiro encontra-se discriminada a média de cada variável nos jogos realizados até então, havendo ainda depois para cada variável um gráfico com os dados correspondentes aos diferentes jogos ao longo da época. Por fim, o perfil de jogador tem uma secção onde é feita uma classificação de cada variável analisada (que tem por base a taxa de sucesso, ou seja, por exemplo, se a taxa de sucesso é 72% tem

classificação de 7), assim como um gráfico para cada uma dessas variáveis com os dados dos diferentes jogos.

3.3.1.3. Procedimentos para a análise das variáveis e desenvolvimento da base dados

Os procedimentos adoptados para a realização da análise quantitativa da equipa em termos colectivos e individuais foram:

1. Observação *in loco* do jogo no estádio, fazendo-se a recolha dos dados relativos à análise colectiva. Essa recolha dos dados era dividida pelos 3 analistas de jogo estagiários, sendo feita em papel. No intervalo e no final do jogo esses dados eram inseridos num ficheiro no computador.
2. Posteriormente era feita uma pequena interpretação dos dados numa secção do programa denominada por “ideias-chave”.
3. No dia posterior, era feita a análise individual de todos os jogadores de campo utilizados no jogo através de um DVD com a gravação do jogo. Essa análise era também dividida pelos 3 analistas de jogo estagiários, sendo feita em papel e no final esses dados eram inseridos num ficheiro Excel ® no computador.
4. Os relatórios eram enviados por e-mail para a equipa técnica até 3ª feira (no máximo).
5. No final de cada mês os dados da análise colectiva e individual de cada jogo eram inseridos num outro ficheiro (evolução anual) onde a base de dados convertia automaticamente os valores de todas as variáveis analisadas em médias por jogo.

Todos estes relatórios podem ser consultados em anexo.

3.3.1.4. Análise dos dados obtidos nas variáveis em estudo

Em baixo é apresentada uma análise de algumas das variáveis estudadas na análise quantitativa colectiva e individual, ao longo da época. Para o efeito, foram construídos gráficos que agrupam os dados relativos a determinadas variáveis e onde em seguida é feita uma análise crítica desses mesmos dados. Nas figuras 13, 14 e 15 é feito um estudo relativo a dados da análise quantitativa colectiva.

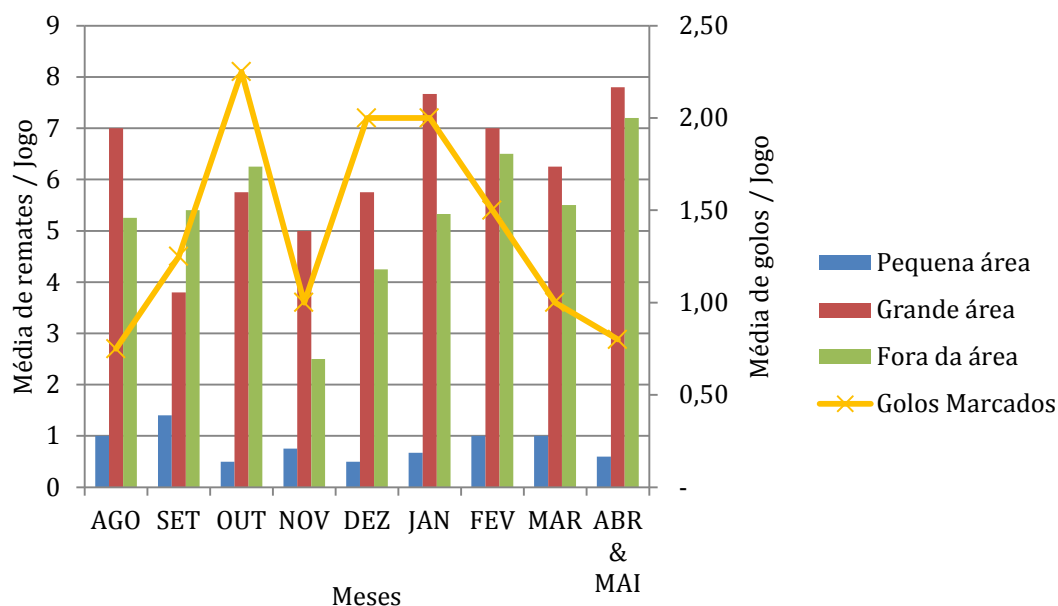


Figura 13 – Análise comparativa da média de remates por jogo em função da zona, com a média de golos marcados, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia.

Através da análise à figura 13, podemos constatar que ao longo de praticamente todos os meses de competição houve uma predominância de remates dentro da grande área, com excepção dos meses de Setembro e Outubro, em que houve mais remates de fora da área. Por outro lado, naturalmente que os remates dentro da pequena área tiveram valores muito inferiores ao longo de toda a época. O período em que a equipa teve uma maior redução no número de remates foi entre Novembro e Dezembro, que contrasta com o facto de ter sido um período bastante positivo em termos de resultados: 6 vitórias e 2 empates. Depois disso, esses valores aumentaram nos meses seguintes, coincidindo com o facto de a equipa ter vindo posteriormente a revelar mais dinâmica ofensiva e consequentemente realizando mais remates.

Quanto aos golos marcados, desde a entrada de Marco Silva para treinador no início de Outubro, com excepção do mês de Novembro, a equipa foi bastante concretizadora, com uma média acima dos dois golos por jogo em alguns meses. Essa tendência foi baixando com o aproximar da fase decisiva da época, sendo que nos meses de Março, Abril e Maio, a equipa passou a ter uma média inferior a um golo marcado por jogo, indo de encontro ao facto de nesta fase a equipa ter tido resultados mais negativos.

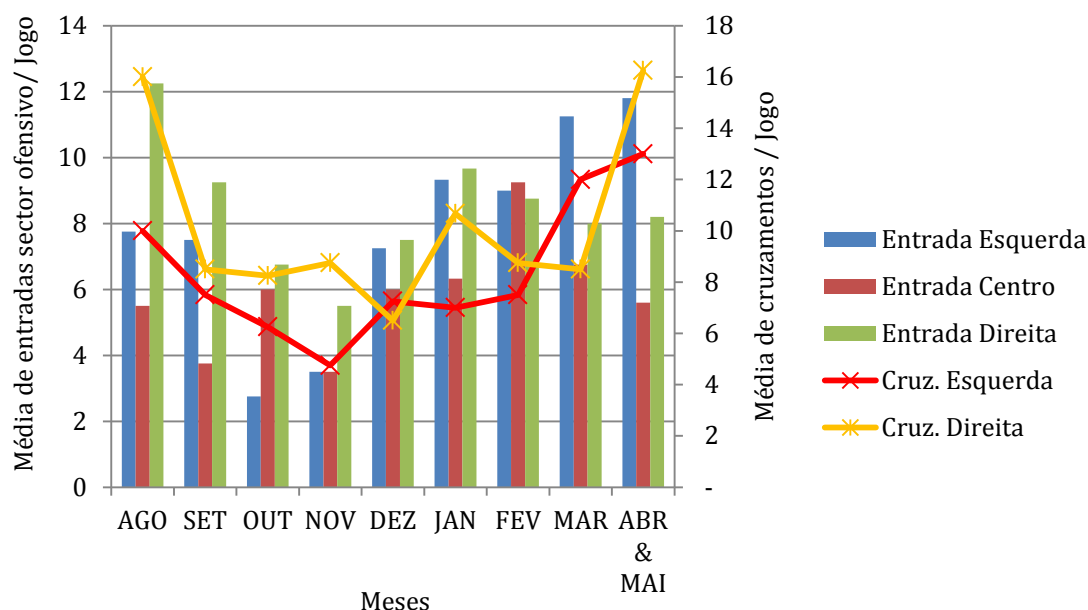


Figura 14 – Análise comparativa da média de entradas com bola no sector ofensivo por jogo em função da zona, com a média de cruzamentos, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia.

De acordo com a figura 14, ao longo da época a equipa revelou mais tendência em atacar pelo seu corredor direito, somando mais cruzamentos e mais entradas com bola controlada no sector ofensivo por esse corredor. A exceção é o mês de Março, em que a tendência caiu para o corredor esquerdo, tanto nos cruzamentos como nas entradas no sector ofensivo. O número de cruzamentos e de entradas no sector ofensivo com bola controlada, foi mais evidente no princípio e no final da época, sendo que nos três primeiros meses de Marco Silva como treinador (de Outubro a Dezembro) esses valores baixaram, subindo depois gradualmente até final da época.

A tendência e a capacidade da equipa em explorar os corredores laterais são evidentes ao longo da época, com mais entradas no sector ofensivo pelos corredores laterais. No entanto, o número de vezes que a equipa conseguiu entrar pelo corredor central no sector ofensivo foi aumentando ao longo dos meses seguintes à entrada de Marco Silva, chegando mesmo a ter valores ligeiramente superiores às entradas pelos corredores direito e esquerdo no mês de Fevereiro.

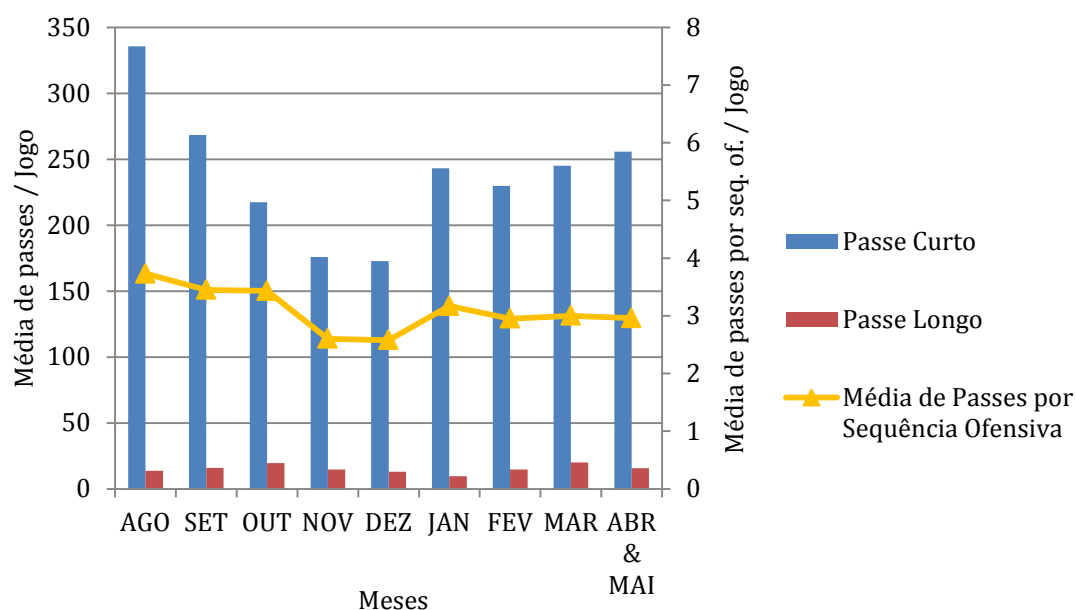


Figura 15 – Análise comparativa da média de passes por jogo, com a média de passes por sequência ofensiva, ao longo da época 2011/2012, na equipa do Estoril-Praia.

Através da análise à figura 15, podemos verificar que a equipa privilegiava bastante um jogo de passe curto e apoiado, no entanto verificam-se algumas diferenças na tendência ao longo dos meses. Mais uma vez os meses de Novembro e Dezembro são aqueles que apresentaram valores mais baixos, tanto no número de passes, como também no número de passes por sequência ofensiva. Por outro lado, os períodos com maior número de passes por jogo foram nos dois primeiros e nos dois últimos meses da época, podendo estes dados ser explicados pelo facto de ter sido nestes períodos que a equipa teve mais vezes a perder, e como tal muitas vezes o adversário dava o domínio da posse de bola ao Estoril-Praia e daí estes valores. Daqui podemos concluir que ter mais posse de bola não determina consequentemente o sucesso de uma equipa.

No entanto, os valores no número de passes por jogo e no número de passes por sequência ofensiva por jogo são muitos superiores nos meses de Agosto e Setembro. Isto também pode ser explicado pelo facto de, após a entrada de Marco Silva para treinador no início de Outubro, a equipa ter passado a exibir um estilo de jogo um pouco mais vertical, embora privilegiando ainda um estilo de jogo de passe curto e apoiado.

Em baixo será feita uma análise aos dados quantitativos individuais recolhidos de cada jogador do plantel do Estoril-Praia, ao longo da época 2011/12. Em primeiro lugar, na figura 16, encontra-se discriminado o tempo de utilização de todos os jogadores de campo nas três competições oficiais em que o Estoril-Praia participou: Liga de Honra, Taça da Liga e Taça de Portugal. Os guarda-redes não foram contabilizados porque a sua análise ficou apenas a cargo do treinador de guarda-redes, Luís Henrique.

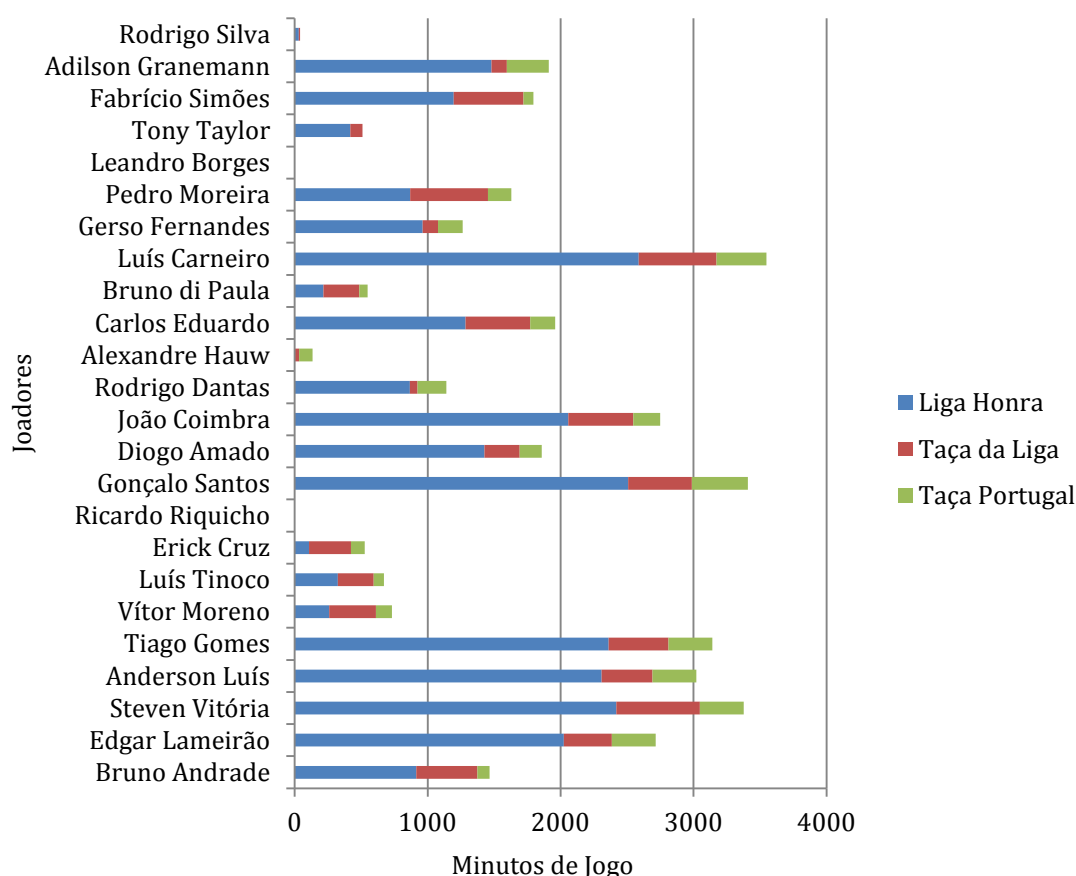


Figura 16 – Análise comparativa dos minutos de jogo dos jogadores de campo ao longo da época 2011/12.

Através da análise à figura 16 constata-se que há clara diferença de um grupo restrito de jogadores que foi bastante utilizado ao longo da época e um outro grupo composto por jogadores que foram bem menos utilizados. O treinador Marco Silva apostou num grupo de jogadores e praticamente durante toda a época não fez grande rotação, sendo que a maior parte das alterações que fazia de um jogo para outro deviam-se a castigos ou lesões. A exceção é feita aos avançados, em que a escolha variava entre o Fabrício e o Adilson, e um dos extremos, que variava entre o Moreira, o Gerso e

o Tony Taylor (já que o outro extremo era quase sempre o Luís Carneiro, mais conhecido por Licá). Em relação ao guarda-redes (apesar de não estar contabilizado) o habitual titular era o Vagner, os defesas laterais eram o Anderson na direita e o Tiago Gomes na esquerda, os defesas centrais eram o Steven e o Lameirão, os trincos eram o Gonçalo Santos e o Diogo Amado e o médio ofensivo era normalmente o João Coimbra, embora o Carlos Eduardo também fosse utilizado com muita frequência nessa posição. Mesmo nos jogos da Taça da Liga e da Taça de Portugal, embora houvesse aí alguma rotação nos jogadores utilizados, pode-se constatar que foram na mesma os jogadores atrás referidos os mais utilizados.

Em seguida, da tabela 9 à tabela 14 é feita uma análise comparativa aos dados quantitativos individuais dos dois jogadores mais utilizados de cada posição (excepto o Guarda-Redes). Deste modo comparou-se os defesas centrais Steven e Lameirão, os defesas laterais Anderson e Tiago Gomes, os trincos Gonçalo Santos e Diogo Amado, os médios ofensivos João Coimbra e Carlos Eduardo, os extremos Licá e Moreira e por fim os avançados Adilson e Fabrício. Recorde-se que os valores introduzidos dizem respeito à classificação que o jogador em causa obteve numa determinada variável/atributo, classificação essa que é determinada pela taxa de sucesso - $(n^{\circ} \text{ sucesso} / n^{\circ} \text{ total}) \times 100$ – que depois é arredondada da percentagem para uma escala de 0 a 10.

Tabela 9 – Análise Quantitativa Individual dos defesas centrais Edgar Lameirão e Steven Vitória.

	Lameirão	Steven		Lameirão	Steven
<u>Atributos Técnicos</u>			<u>Atributos Táticos – Defesa central</u>		
Passe	9	8	Processo Ofensivo		
Curto	10	9	Largura na 1ª etapa	8	8
Longo	5	4	Progressão com bola	9	9
1º toque	10	9	Lançamento longo p/ ataque	5	4
Recepção	10	10	Processo Defensivo		
Cabeceamento	10	8	Marcação	9	10
Remate	5	3	Cobertura	10	10
Intercepção	10	9	Ocupar zona central nos cruz.	10	9
Intercepção	9	9			
Desarme	10	7			
Cruzamentos	9	10			
Longo	10	10			
Linha de fundo	8				
Remate	10	5			
Pé dominante	10	7			
Pé não dominante					
Drible	9	8			

Estes dois jogadores que durante grande parte da época formaram a dupla de defesas centrais da equipa do Estoril-Praia, têm uma classificação elevada em quase todos os atributos, inclusive naqueles que são mais determinantes para a sua posição. Em termos ofensivos ambos apresentam muita qualidade no passe curto. Em relação ao passe longo, apesar do Steven o explorar bastante mais do que o Lameirão, acaba por ter uma classificação mais baixa (não só no atributo técnico de passe longo como também no atributo táctico de lançamento longo para o ataque). Em termos defensivos ambos os jogadores apresentam valores elevados nos atributos técnicos de intercepção, cabeceamento intercepção e desarme (embora neste último o Lameirão apresente mais três valores do que o Steven), e nos atributos tácticos de marcação, cobertura e ocupação da zona central nos cruzamentos do adversário. Estes valores ajudam a dar resposta ao facto da equipa ter revelado grande consistência na sua zona defensiva ao longo da época, sofrendo poucos golos.

Tabela 10 – *Análise Quantitativa Individual dos defesas laterais Anderson Luís e Tiago Gomes.*

	Anderson	Tiago		Anderson	Tiago
<u>Atributos Técnicos</u>			<u>Atributos Tácticos – Defesa lateral</u>		
Passe	8	8	Processo Ofensivo		
Curto	8	9	Largura na 1ª etapa	9	9
Longo	3	5	Apoiar o ataque	10	9
1º toque	8	9	Entradas no sector ofensivo	8	8
Recepção	9	10	Processo Defensivo		
Cabeceamento	8	8	Boqueio à entrada no sector def.	7	5
Remate	5		Cobertura ao defesa central	9	9
Intercepção	8	8	Ocupar zona 2º poste nos cruz.	9	9
Intercepção	7	8			
Desarme	8	8			
Cruzamentos	5	5			
Longo	5	4			
Linha de fundo	5	5			
Remate	3	3			
Pé dominante	2	3			
Pé não dominante	4				
Drible	7	7			

Relativamente aos defesas laterais Anderson (lateral direito) e Tiago Gomes (lateral esquerdo), que foram os habituais titulares da equipa, os valores são bastante similares em quase todas os atributos. Ambos têm uma classificação elevada no passe curto e quanto ao passe longo o Tiago Gomes tem uma classificação superior ao Anderson, sendo que o lateral esquerdo procurava este tipo de passe com alguma

frequência, com passes longos em diagonal para o avançado ou para o extremo contrário. Por outro lado, embora o Tiago Gomes tenha realizado mais cruzamentos que o Anderson, as classificações obtidas são semelhantes. A diferença no número de cruzamentos em favor do Tiago Gomes é bastante maior nos cruzamentos longos (83 para 42). Esta diferença pode ser explicada em parte pelo facto do Tiago Gomes não entrar tantas vezes no sector ofensivo (cruzando mais vezes atrás da linha da área – zona que foi definida como a divisória do sector intermédio para o sector ofensivo) quanto o Anderson (86 e 100, respectivamente, no atributo táctico entradas no sector ofensivo). Contudo a classificação de ambos os jogadores nesse atributo é igual, tal como no atributo largura na 1ª etapa do processo ofensivo, sendo que no atributo apoiar o ataque, o Anderson tem melhor classificação e mais frequência de ocorrências.

No processo defensivo, os dois jogadores têm valores elevados na interceptão, cabeceamento interceptão, desarme (embora nestes atributos em geral com valores mais baixos que os centrais) e nos atributos tácticos de cobertura ao central e de ocupação da zona do 2º poste nos cruzamentos do adversário. Quanto ao bloqueio às entradas com bola por parte do adversário no sector defensivo, ambos os jogadores têm valores mais baixos, sendo esta a zona do campo em que a equipa se revelou mais permeável aos ataques dos adversários.

Tabela 11 – Análise Quantitativa Individual dos trincos Gonçalo Santos e Diogo Amado.

	Gonçalo	Amado		Gonçalo	Amado
<u>Atributos Técnicos</u>			<u>Atributos Tácticos – Trinco</u>		
Passe	8	9	Processo Ofensivo		
Curto	9	9	Varição do centro de jogo	9	9
Longo	5	6	Progressão com bola	9	9
1º toque	9	9	Equilíbrio Defensivo	8	10
Recepção	10	10	Processo Defensivo		
Cabeceamento	7	9	Ganhos de 2ª bola	8	9
Remate	4	8	Cobertura	9	10
Intercepção	8	9			
Intercepção	8	9			
Desarme	7	9			
Cruzamentos	4	8			
Longo	6	8			
Linha de fundo	3	7			
Remate	3	4			
Pé dominante	2	4			
Pé não dominante	3	0			
Drible	8	9			

Quanto aos dois trincos da equipa mais utilizados ao longo da época, apresentam bastante qualidade no passe curto, embora no passe longo o Diogo Amado apresente mais qualidade (que é um dos meios de fazer a bola progredir no campo também utilizado com frequência por este jogador). O mesmo jogador apresenta não só muito maior número de cruzamentos que o Gonçalo, como também uma classificação bastante maior nesse atributo. Quanto à interceptação, cabeceamento interceptação e desarme, ambos os jogadores apresentam valores elevados. Também relativamente aos atributos tácticos, tanto no processo ofensivo como no processo defensivo, ambos os jogadores apresentam classificações bastante altas, sendo jogadores muito regulares e que normalmente foram cumprindo as suas tarefas com bastante eficácia, contribuindo de sobremaneira para o sucesso da equipa.

Tabela 12 – Análise Quantitativa Individual dos médios ofensivos João Coimbra e Carlos Eduardo.

	Coimbra	C. Eduardo		Coimbra	C. Eduardo
<u>Atributos Técnicos</u>			<u>Atributos Tácticos – Médio Ofensivo</u>		
Passe	8	8	Processo Ofensivo		
Curto	8	8	Trocas no corredor lateral	9	10
Longo	5	5	Aparecer entre-linhas	8	9
1º toque	7	9	Aproveitamento do corredor central nas transições of.	10	9
Recepção	9	9	Passes de ruptura	4	7
Cabeceamento	8	8	Processo Defensivo		
Remate		5	Reacção à perda da bola	9	9
Intercepção	8	8	Ocupação do corredor central	10	9
Intercepção	7	9			
Desarme	8	8			
Cruzamentos	5	8			
Longo	4	8			
Linha de fundo	5	8			
Remate	4	6			
Pé dominante	3	6			
Pé não dominante	10				
Drible	7	8			

Relativamente aos médios ofensivos João Coimbra e Carlos Eduardo, embora o primeiro tenha sido bastante mais utilizado ao longo da época, ambos tem qualidades diferentes que lhes permitem ser úteis em jogos diferentes ou em momentos diferentes dentro do mesmo jogo. O Carlos Eduardo apresenta mais qualidade em termos técnicos, sendo isso evidente nos valores apresentados no passe ao 1º toque, nos cruzamentos, nos remates e no drible (tudo atributos que caracterizam bastante este jogador). Outro

dos seus grandes atributos caracterizados na tabela 12 são os passes de ruptura (atributo tático em que o Carlos Eduardo tem uma classificação consideravelmente superior ao João Coimbra).

De resto, nos restantes atributos táticos ofensivos prevalece o equilíbrio entre ambos os jogadores. No entanto, o João Coimbra apresenta valores relativamente superiores no aproveitamento do corredor central nas transições ofensivas e o Carlos Eduardo valores um pouco superiores nas trocas posicionais no corredor lateral e na participação na construção do processo ofensivo no espaço entre-linhas, revelando mais mobilidade que o João Coimbra. Em termos defensivos, mais uma vez os jogadores apresentam valores semelhantes. Destaque para o atributo tático de ocupação do corredor central no meio-campo defensivo, onde o João Coimbra tem um valor a mais que o Carlos Eduardo (10 para 9). No entanto a postura com que ambos cumpriam com esse atributo era consideravelmente diferente: enquanto o João Coimbra se aproximava dos trincos numa postura forte e agressiva na tentativa de recuperar a posse de bola, o Carlos Eduardo tinha uma postura menos agressiva e mais passiva na ajuda aos restantes colegas do meio-campo.

Tabela 13 – Análise Quantitativa Individual dos extremos Luís Carneiro (Licá) e Moreira.

	Licá	Moreira		Licá	Moreira
Atributos Técnicos			Atributos Táticos – Extremo		
Passe	8	8	Processo Ofensivo		
Curto	8	9	Trocas posicionais nas laterais	9	10
Longo		4	Ocupar zona nos cruzamentos	9	9
1º toque	8	7	Aproveitamento do corredor central nas transições ofensivas	10	10
Recepção	9	8	Desmarcações de ruptura	9	7
Cabeceamento	4	7	Processo Defensivo		
Remate	4	3	Reacção à perda da bola	8	9
Intercepção	4	8	Pressão no corredor lateral	9	9
Intercepção	6	7	Ocupação do corredor central	9	9
Desarme	9	8			
Cruzamentos	5	7			
Longo	4	6			
Linha de fundo	5	7			
Remate	4	6			
Pé dominante	4	6			
Pé não dominante	6	5			
Drible	6	7			

Na análise à tabela 13, podemos constatar que em grande parte dos atributos o Moreira apresenta valores superiores ao Licá. No entanto, esta leitura pode induzir em

erro, pois analisando outros dados, como o número de golos e o número de assistências para golo, facilmente se apercebe que o rendimento do Licá foi superior ao do Moreira, tendo sido mesmo provavelmente o jogador mais determinante da equipa no processo ofensivo. Os atributos que mais podem induzir em erro são os do remate e do drible, o que pode ser justificado pelo facto do Licá arriscar muito mais o remate e o drible do que o Moreira. O atributo em que o Moreira apresenta maior eficácia que o Licá e que se encontra demonstrado nos dados é nos cruzamentos. Por outro lado, algumas das qualidades que melhor caracterizam o Licá (para além da finalização e do drible) estão demonstradas nos valores obtidos, como é o caso da capacidade de recepção, do passe ao 1º toque e as desmarcações de ruptura.

Tabela 14 – *Análise Quantitativa Individual dos avançados Fabrício Simões e Adilson Granemann.*

	Fabrício	Adilson		Fabrício	Adilson
<u>Atributos Técnicos</u>			<u>Atributos Táticos – Avançado</u>		
Passe	8	8	Processo Ofensivo		
Curto	8	8	Aparecer no espaço entre-linhas	8	8
Longo	7	4	Ocupar zona nos cruzamentos	9	9
1º toque	8	8	Ocupar corredor lateral nas transições ofensivas	9	8
Recepção	8	8	Desmarcações de ruptura	9	9
Cabeceamento	7	7	Processo Defensivo		
Remate	6	7	Reacção à perda da bola	9	8
Intercepção	9	8	Marcação ao Central	9	10
Intercepção	9	9			
Desarme	9	9			
Cruzamentos	5	9			
Longo		10			
Linha de fundo	5	9			
Remate	7	8			
Pé dominante	6	8			
Pé não dominante	10				
Drible	8	7			

Por fim, quanto aos avançados Fabrício e Adilson, ambos apresentam relativa eficácia no remate com os pés e com a cabeça, com ligeiro ascendente para o Adilson. No entanto, nenhum dos dois apresenta valores muito elevados, tanto em termos de classificação como em termos de número de tentativas, ajudando estes dados a explicar o facto de nenhum dos dois ter marcado muitos golos ao longo da época. Quanto a outros atributos técnicos como os cruzamentos, o Adilson apresenta mais eficácia que o Fabrício (também porque descai muito mais para os corredores laterais). Por outro lado no drible o Adilson, apesar de ter valores ligeiramente inferiores ao Fabrício, apresenta

na realidade mais eficácia nesse atributo, mas como arrisca mais vezes acaba por ter uma taxa de sucesso menos elevada e consequentemente também uma classificação mais baixa. Relativamente aos atributos tácticos, ambos os jogadores têm valores bastante elevados e semelhantes um com o outro, não só em termos ofensivos como também em termos defensivos.

3.3.1.4. Conclusão

Este projecto desenvolvido para a equipa do Estoril-Praia, que consistia na elaboração de um programa que garantisse uma análise quantitativa não só em termos individuais de cada um dos jogadores como também em termos colectivos revelou-se bastante positivo. Teve uma aceitação bastante grande por parte da equipa técnica e também dos jogadores, que viram nisto uma ferramenta de qualidade para complemento do trabalho já realizado. Deste modo a análise quantitativa individual e principalmente a análise quantitativa colectiva revelaram-se úteis e pertinentes para o trabalho do dia-a-dia da equipa durante a época.

No entanto, embora muitas variáveis fossem pertinentes e úteis (como ficou demonstrado na análise acima efectuada), algumas limitações poderão ser levantadas, como por exemplo: excesso de informação, variáveis pouco pertinentes e facilidade em induzir em erro (se não houver o devido cuidado na análise de cada variável). Quanto às duas primeiras limitações referidas, em parte são justificadas pelo facto de muitas das variáveis terem sido impostas pela equipa técnica no início da época, sugerindo-se que de futuro se reduza o número de variáveis em estudo e se reformule algumas das já existentes (de modo a que todas as variáveis traduzam padrões comportamentais de jogo em vez de simples acções técnicas). Relativamente à terceira limitação referida, que diz respeito principalmente às variáveis da análise individual, sugere-se que de futuro em vez de se destacar tanto as classificações em escala de 0 a 10, se destaque mais o número de ocorrências total e o número de ocorrências com sucesso.

3.4. Relação com a Comunidade

3.4.1. Estilos de liderança na equipa do Estoril-Praia

3.4.1.1. Introdução

Em meados da década de trinta dá-se início ao tema dos estilos de Liderança. Através de conclusões de dados experimentais, percebeu-se que o desempenho de um grupo estaria mais relacionado com o estilo do líder do que das personalidades dos indivíduos envolvidos nos grupos. Podemos utilizar a definição elaborada por Weinberg e Gould (1995):

- **Autocrático** - estilo de comando, centrado na vitória e orientado para a tarefa;
- **Democrático** - estilo cooperativo, centrado no atleta e orientado para o sujeito.

Em relação ao estilo mais adequado para o alcance do sucesso, os autores sugerem que as duas dimensões deveriam ser adoptadas em simultâneo, uma vez que não encontraram provas substanciais sobre qual dos tipos de liderança levava a um maior sucesso (Jesuino, 1996). Em função das características da situação e dos liderados, o mesmo sujeito pode utilizar distintos estilos de liderança (Mendo & Ortiz, 2003).

O modelo multidimensional de liderança, defendido por Chelladurai (1989), defende que as características situacionais, ou seja os objectivos, o tipo de tarefas e o contexto social e cultural do grupo, definem os parâmetros do tipo de comportamento necessário. As características dos liderados, isto é, personalidade (necessidade de atingir objectivos, necessidade de afiliação e estrutura cognitiva) e habilidade para realizar a tarefa, dão origem ao comportamento preferido pelos atletas. Esse comportamento diz respeito ao que os liderados preferem ao nível da instrução, orientação, suporte social e *feedback*. Parte-se do princípio que os liderados têm noção das necessidades e características situacionais, assim sendo, as suas expectativas em relação ao tipo de comportamento que preferem é fortemente influenciado pelas características situacionais. Da mesma forma, o comportamento necessário está relacionado e é influenciado pelas características dos liderados. Segundo o mesmo autor, da interligação destas quatro componentes, as características situacionais, o comportamento necessário,

as características dos liderados e o comportamento preferido, com as características do líder (personalidade, capacidade e experiência), resulta o comportamento real do líder.

A convergência das quatro componentes influencia os resultados da satisfação dos liderados e da *performance* do grupo. Há dois tipos de *feedback* que surgem a partir dos resultados da satisfação e da *performance* do grupo. Neste sentido o líder deve adaptar o seu comportamento em função desses *feedbacks*. Se a *performance* do grupo ficar abaixo das expectativas, o líder deve basear a sua acção em comportamentos orientados para a tarefa, de forma a promover as capacidades da *performance* grupal. Se os liderados não estão satisfeitos, seja com o líder, seja com o grupo, o líder deverá apostar em comportamentos que valorizem as interacções inter-pessoais (Chelladurai, 2007).

Ainda segundo Chelladurai (2007) a congruência de valor e de percepção relaciona o comportamento preferido, com a percepção que os liderados têm da liderança e a percepção do líder da sua própria liderança (auto-percepção). A congruência de valor visa verificar a relação entre a percepção que os liderados têm da liderança e as suas preferências. A congruência perceptual compara o que os liderados e o líder concordam no comportamento do treinador. Estes dois tipos de congruência estão relacionados com a coesão de grupo, no caso da congruência perceptual essa associação é mais forte.

A Escala Liderança no Desporto (ELD), foi desenvolvida a partir do modelo multidimensional de liderança. Esta escala visa essencialmente testar e medir as preferências dos liderados acerca da liderança do treinador, a percepção que os liderados têm dessa liderança e ainda a auto-percepção do treinador sobre a sua própria liderança. A componente prática deste estudo baseia-se em grande parte na ELD e nos questionários desenvolvidos a partir da mesma e adaptados por S. Serpa, P. Lacoste, V. Pataco e F. Santos.

Este estudo foi realizado com a finalidade de descrever a dinâmica inerente a uma equipa profissional de futebol no que diz respeito à liderança do grupo. Deste modo, este estudo pretende servir como uma ferramenta para o treinador da equipa do Estoril-Praia compreender o modo como os jogadores percebem a sua liderança e como é que esses mesmos jogadores gostariam de ser liderados. Assim sendo, os objectivos deste estudo passam por, na equipa de futebol sénior masculina do Estoril-Praia:

- Comparar a percepção dos jogadores acerca do comportamento do treinador com as preferências dos jogadores – verificar a congruência de valor;
- Comparar a percepção dos jogadores acerca do comportamento do treinador com a auto-percepção do treinador acerca do seu próprio comportamento – verificar a congruência de percepção;
- Compreender em que estilo de liderança o comportamento do treinador se enquadra.

3.4.1.2. Métodos

3.4.1.2.1. Hipóteses

- H1. A percepção dos jogadores acerca do comportamento do treinador é congruente com as preferências dos jogadores;
- H2. A percepção dos jogadores acerca do comportamento do treinador é congruente com a auto-percepção do treinador acerca do seu próprio comportamento.

3.4.1.2.2. Participantes

Os participantes neste estudo foram 27 indivíduos com idades compreendidas entre os 19 e os 34 anos de idade ($M = 24,97$, $DP = 4,32$ anos de idade) , sendo que 26 são atletas, do sexo masculino da equipa de futebol sénior do Estoril-Praia, mais o treinador principal dessa mesma equipa. Um dos indivíduos preencheu incorrectamente os questionários e como tal não foi contabilizado para este estudo, sendo portanto o total dos participantes contabilizados de 25 atletas e o treinador.

3.4.1.2.3. Recolha de dados

Procedeu-se à entrega dos mesmos junto da equipa técnica que posteriormente os distribuiu pelos jogadores. Foi dado um prazo para o preenchimento dos questionários, não só os que deveriam ser preenchidos pelos jogadores mas também o questionário específico para o treinador (versão atuo-percepção), e 1 semana depois procedeu-se à recolha dos mesmos de modo a serem devidamente analisados.

3.4.1.2.3. Análise de dados

Como variável dependente para este estudo temos o estilo de liderança do treinador. Por outro lado as variáveis independentes são o comportamento de treino-instrução do treinador, o comportamento de suporte social do treinador, o comportamento de reforço do treinador, o comportamento democrático do treinador e por fim, o comportamento autocrático do treinador.

Para a realização deste estudo, utilizou-se um questionário criado por Chelladurai, adaptado por S. Serpa, P. Lacoste, V. Pataco e F. Santos, a que denominaram Escala de Liderança no Desporto (ELD). Este instrumento, já previamente validado, pretende avaliar o comportamento de liderança do treinador desportivo, surgindo na sequência de outros testes e questionários destinados à avaliação dos processos de liderança, mas que não tinham pertinência no contexto desportivo. Chelladurai desenvolveu três versões da LSS. Uma destas versões revela-nos a percepção do treinador do seu próprio comportamento (**versão auto-percepção**). A segunda versão refere-se à percepção que os atletas têm do comportamento do treinador (**versão percepção**) e, por último, a preferência dos atletas pelo comportamento do treinador (**versão preferências**).

O questionário é composto por 40 perguntas que visam analisar o comportamento do líder. Esse comportamento pode ser dividido em cinco dimensões: Comportamento de Treino-Instrução; Comportamento de Suporte Social; Comportamento de Reforço; Comportamento Democrático; Comportamento Autocrático.

Dimensão de Comportamento de Treino-Instrução: o comportamento do treinador visa melhorar a prestação dos atletas, dando ênfase ao treino intensivo, transmitindo-lhes informação sobre a técnica e a tática do desporto, clarificando a relação entre os membros constituintes do grupo e planificando e coordenando as suas actividades.

Dimensão de Comportamento de Suporte Social: O comportamento do treinador promove o bem-estar dos atletas, o bom ambiente no grupo e uma boa relação entre os membros do grupo.

Dimensão do Comportamento de Reforço: comportamento do treinador que reforça positivamente o atleta, reconhecendo e recompensando os seus bons desempenhos.

Dimensão do Comportamento Democrático: promove uma maior participação dos atletas nas decisões do grupo, nomeadamente dos seus objectivos, métodos de prática e estratégias e táticas de jogo.

Dimensão do Comportamento Autocrático: reforça tomadas de decisão independentes das preferências ou opiniões dos atletas e baseia-se na autoridade do treinador.

Cada questão tem 5 opções de resposta (Escala de Lickert de 5 níveis): Sempre, Frequentemente, Ocasionalmente, Raramente e Nunca. Os atletas e o treinador respondem ao questionário e, no final, é dada uma pontuação a cada opção de resposta: Sempre – 5 pontos; Frequentemente – 4 pontos; Ocasionalmente – 3 pontos; Raramente – 2 pontos; Nunca – 1 ponto.

3.4.1.2.4. Procedimentos estatísticos

A partir das respostas de todos os jogadores e treinador nos questionários, foi realizado um levantamento estatístico relativo aos resultados de cada dimensão em cada versão estudada. Assim sendo, primeiro calculou-se a média relativa a cada uma das cinco dimensões, na versão percepção (versão aplicada aos jogadores), fazendo o somatório do resultado (de 1 a 5) obtido em todas as respostas de todos os jogadores em cada dimensão, dividindo depois pelo número total de respostas nessa dimensão, obtendo assim a média. Depois calculou-se a média relativa às várias dimensões na versão preferências (também realizada com os jogadores). O mesmo procedimento foi depois realizado com as 5 dimensões, no questionário aplicado ao treinador - versão auto-percepção – calculando para cada dimensão a média dos resultados obtidos.

De forma a comparar os resultados obtidos na versão percepção com a versão preferências, verificou-se a Normalidade de cada uma das variáveis através do teste de Shapiro-Wilk. Em seguida para cada dimensão foi realizado o teste T para amostras emparelhadas no caso de a normalidade ser assumida, ou o teste de Wilcoxon no caso de não existir normalidade. Deste modo pretende-se verificar, para cada dimensão do comportamento do treinador, se existem diferenças significativas nas respostas das duas versões. Para comparar a versão percepção com a versão auto-percepção realizou-se o teste T para uma população entre cada dimensão do comportamento do treinador,

procurando mais uma vez verificar se existem ou não diferenças significativas nas respostas destas duas versões.

3.2.1.3. Resultados e Discussão

Neste estudo procurou-se através dos questionários aplicados (ELD), que foram construídos em conjunto com o modelo multidimensional de liderança, analisar o estilo de liderança do treinador da equipa profissional do Estoril-Praia: relacionando a percepção que os atletas têm do comportamento do treinador com as suas preferências - verificar a congruência de valor; e relacionando também a mesma percepção dos atletas com a auto-percepção do treinador acerca do seu comportamento enquanto líder – verificar a congruência de percepção.

Ao analisar-se a congruência de valor, verificamos que nas dimensões de comportamento de suporte social ($t(24) = -1,182, p = 0,249$), comportamento de reforço ($Z = -0,945, p = 0,344$), comportamento democrático ($t(24) = 0,213, p = 0,833$) e comportamento autocrático ($t(24) = 1,034, p = 0,311$) não existem diferenças significativas entre a percepção e as preferências dos atletas relativamente ao comportamento do líder. Apenas na dimensão de comportamento de treino-instrução são identificadas diferenças significativas nos resultados das duas versões ($t(24) = -2,811, p = 0,01$). Deste modo conclui-se que existe congruência de valor para todas as dimensões analisadas excepto na dimensão de comportamento de treino-instrução. Ainda assim, analisando através da figura 17 as médias e desvios padrão das diferentes dimensões das duas versões, verifica-se que em todas elas as médias são semelhantes, incluída a dimensão comportamento de treino-instrução com ambos os valores acima de quatro (4,27 na percepção e 4,51 nas preferências) e com os mais baixos desvios padrão (0,51 e 0,38, respectivamente).

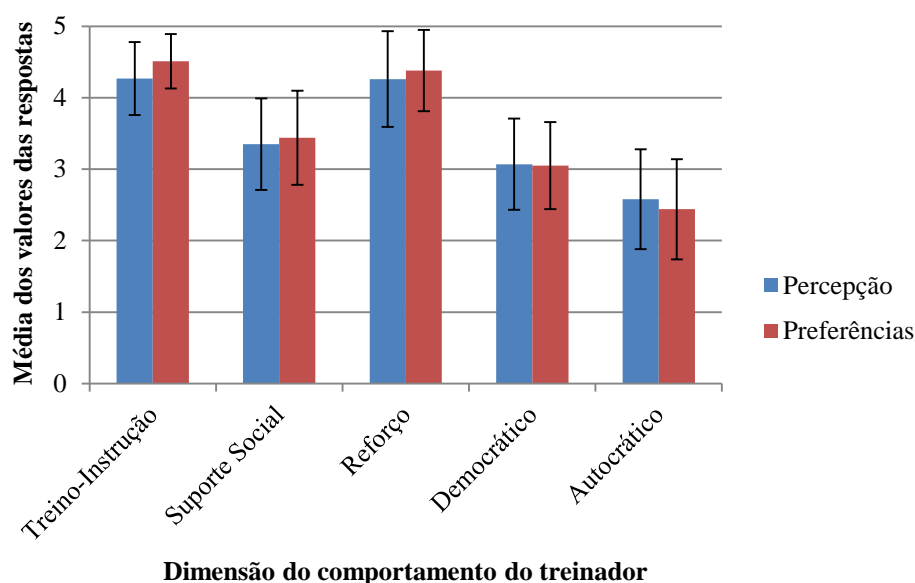


Figura 17 – Análise comparativa à percepção e às preferências dos jogadores relativamente ao comportamento do treinador nas suas diferentes dimensões.

Analisando a congruência de percepção, isto é, comparando a percepção que os atletas têm do comportamento do treinador com a sua auto-percepção, constata-se que nas dimensões de comportamento de treino-instrução ($t(24) = -3,476$, $p = 0,02$), comportamento de suporte social ($t(24) = -3,121$, $p = 0,005$), comportamento de reforço ($t(24) = -5,492$, $p < 0,001$), comportamento democrático ($t(24) = 3,164$, $p = 0,004$) e comportamento autocrático ($t(24) = 4,138$, $p < 0,001$) existem diferenças significativas nas duas versões. Deste modo, em qualquer uma das dimensões do comportamento do treinador não existe congruência perceptual, ou seja, a percepção que os atletas têm do comportamento do treinador não coincide com a percepção que o treinador tem acerca do seu próprio comportamento. Por outro lado, comparando as médias das duas versões, através da análise à figura 18, verifica-se que em todas as dimensões essas médias são semelhantes, com a maior diferença a verificar-se na dimensão comportamento de reforço (4,26 na percepção e 5,00 na auto-percepção) e a menor diferença a verificar-se na dimensão comportamento de treino-instrução (4,27 na percepção e 4,62 na auto-percepção).

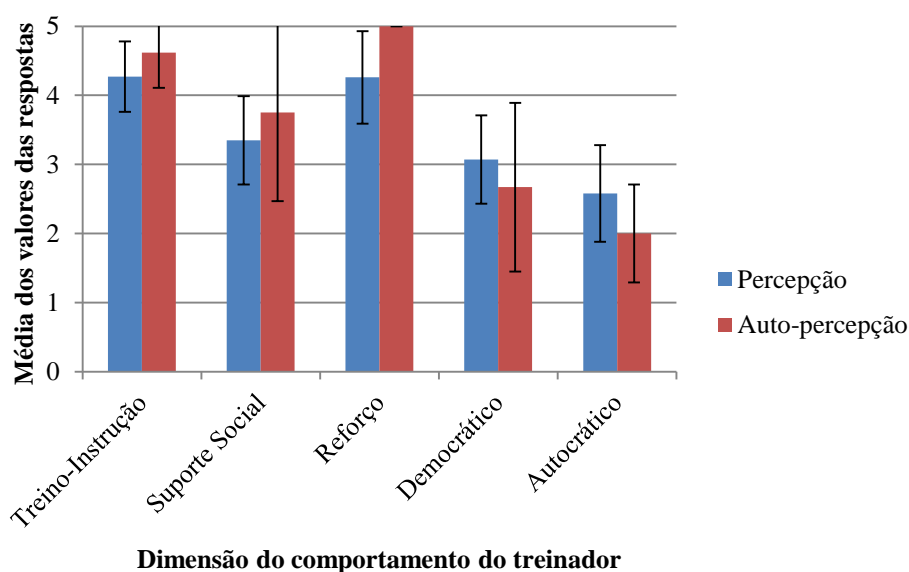


Figura 18 – *Análise comparativa à percepção dos jogadores e à auto-percepção do treinador relativamente ao comportamento do treinador nas suas diferentes dimensões.*

Shields, Gardner, Bredemeier & Bostro (1997) referem que tanto a congruência de valor como a congruência de percepção estão fortemente associadas com a coesão de grupo, sendo que no caso da congruência de percepção essa associação é ainda mais vinculada. Os mesmos autores concluem que é mais importante para os atletas concordarem com o treinador com o que “é”, do que partilharem a mesma opinião quanto ao que “deveria ser”. Deste modo, ao verificar-se neste estudo congruência de valor em quatro das cinco dimensões do comportamento do treinador, conclui-se que esses valores podem indicar uma boa coesão de grupo. Por outro lado, apesar das médias serem aproximadas, não existe congruência de percepção em nenhuma das dimensões do comportamento do treinador. Destes resultados, as conclusões apontam no sentido de que a coesão de grupo poderá não ser assim tão elevada quanto os resultados da congruência de valor fariam supor.

No entanto, o que este estudo pretende medir é apenas a congruência de valor e de percepção, sendo que segundo Shields et al. (1997) essa congruência está associada com a coesão de grupo. Para se poder realmente tirar conclusões válidas e consistentes quanto à coesão de grupo teria de se averiguar também a satisfação dos atletas e a sua *performance* (Chelladurai, 2007). O mesmo autor (1989) refere que a satisfação e a *performance* dos atletas são directamente influenciadas por três grandes dimensões da

liderança: o comportamento requerido pelas características situacionais, o comportamento preferido pelos atletas e o comportamento real posto em prática pelo líder.

Comparando os resultados obtidos na versão percepção dos atletas e auto-percepção do treinador, procurou-se identificar em que estilo de liderança melhor se enquadra o treinador. Os valores mais elevados verificaram-se nas dimensões de comportamento de treino-instrução e de comportamento de reforço, seguidos do comportamento de suporte social e comportamento democrático, respectivamente. A dimensão da liderança com valores mais baixos nos resultados foi a do comportamento autocrático. Gardner, Shields, Bredemeier & Bostro (1996) referem que os treinadores com valores mais elevados de treino-instrução, reforço, suporte social e comportamento democrático e menores valores em comportamento autocrático têm equipas com uma mais elevada coesão na tarefa. Os mesmos autores referem que a coesão social está mais significativamente associada apenas aos valores de treino-instrução e suporte social.

3.2.1.4. Conclusão

Depois de realizado este trabalho, verificámos que os objectivos propostos para o trabalho foram cumpridos, determinando-se a congruência de valor e de percepção relativamente ao comportamento do treinador enquanto líder e analisando cada uma das dimensões do seu comportamento de forma a compreender melhor o estilo de liderança adoptado pelo treinador. Existe congruência de valor para todas as dimensões excepto na de treino-instrução, ou seja, nas outras quatro dimensões não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto à percepção e às preferências dos atletas acerca do comportamento do treinador. Por outro lado, foram encontradas diferenças significativas em todas as dimensões na comparação entre a percepção dos atletas e a auto-percepção do treinador acerca do seu comportamento, ou seja, não se verifica a existência de congruência perceptual. Em estudos futuros sugere-se que, para além de se avaliar a congruência de valor e de percepção, se avalie também a satisfação dos atletas e a *performance*, pois só assim se poderá tirar conclusões válidas quanto à coesão de grupo. Por fim, concluímos que o treinador parece ter um comportamento mais orientado para a tarefa, sendo que os valores elevados obtidos no comportamento de treino-instrução e de reforço indiciam uma forte coesão de grupo na tarefa.

O facto dos valores apresentados indiciarem uma forte coesão na tarefa poderá ser positivo pelo facto desta se tratar de uma equipa profissional onde os resultados desportivos são o principal objectivo da equipa. Como foi dito anteriormente, de forma a melhor conhecer a coesão de grupo, deverá no futuro aprofundar-se o estudo, tomando conhecimento do grau de satisfação dos atletas e da *performance*. Essa coesão na tarefa deverá ser explorada, e como tal o comportamento do treinador deverá caminhar no sentido de manter o seu comportamento orientado para a tarefa. Pelo facto dos valores da percepção dos atletas e da auto-percepção do treinador terem sido diferentes, sugere-se que haja uma preocupação conjunta de no futuro coincidir melhor essa percepção acerca do comportamento do treinador, pelo facto dessa congruência perceptual estar fortemente associada à coesão de grupo.

3.4.2. Organização de um estágio pré-competição

3.4.2.1. Introdução

Sendo os seniores do Estoril-Praia uma equipa profissional com ambições de subida à I Liga, não se apresentou como viável a organização de um evento que de alguma forma retire a equipa da sua rotina semanal própria do contexto competitivo em que se insere. Desta forma colaborei com o departamento administrativo na organização do estágio pré-competição da equipa num jogo fora de casa. Neste domínio, o objectivo foi compreender os procedimentos estruturais, funcionais e logísticos inerentes a um estágio de pré-competição para uma equipa profissional de futebol e o modo como contribui para o sucesso da equipa. O jogo escolhido foi o Moreirense x Estoril-Praia, da 27ª jornada da Liga de Honra 2011/12, em Moreira de Cónegos, Guimarães. O jogo era entre dois candidatos à subida de divisão, sendo que o Estoril-Praia em caso de vitória nesse jogo assegurava automaticamente essa subida de divisão.

3.4.2.2. Dados gerais sobre o jogo

Tabela 15 – *Dados gerais sobre o jogo Moreirense X Estoril-Praia.*

Jogo:	Moreirense x Estoril-Praia
Data:	22/04/2012
Hora:	11H15
Jornada:	27 ^a – Liga Honra/ Liga Orangina
Estádio:	Estádio Comendador J. Almeida
Local:	Moreira de Cónegos, Guimarães

3.4.2.3. Marcação do hotel

Para a acomodação da equipa do Estoril-Praia na deslocação a Moreira de Cónegos procurou-se um hotel que satisfizesse determinado tipo de requisitos: (i) ter um ambiente calmo e relaxado no período em que a equipa estivesse instalada; (ii) não coincidir com mais nenhuma equipa, nem com imprensa, durante esse período nas instalações do hotel; (iii) garantir que todos os jogadores e o *staff* técnico estejam em quartos contíguos no mesmo piso; (iv) ter quartos equipados com televisão com tv por cabo e Sporttv; (v) ter sala de conferências para a palestra pré-jogo equipado com material áudio-visual e com capacidade suficiente para todos os jogadores e treinadores, e (vi) possua sala de convívio/jogos.

Como na maior parte das deslocações à região norte do país, o Estoril-Praia fez a marcação para o Hotel Cidnay, de 4 Estrelas, em Santo Tirso. Normalmente o clube opta por este hotel porque fica a uma pequena distância da maior parte dos estádios das equipas da Liga de Honra e desse modo garante a acomodação numa instalação a que já está habituado. A marcação englobou uma despesa para o clube de 7 quartos individuais e 16 quartos duplos, com um regime especial de alimentação, ou seja, com almoço e pequeno-almoço incluído e ainda a preparação de uma ceia e de um lanche para depois do jogo. A ementa foi previamente determinada pelo departamento clínico do clube. O preço do hotel e do autocarro para os dois dias de estágio foi negociado pela administração do Estoril-Praia.

3.4.2.4. Plano de actividades

Tabela 16 – Plano de actividades da equipa do Estoril-Praia durante o estágio.

Sábado - 21/04/2012	
Concentração no estádio do Estoril	Saída do autocarro para Santo Tirso – Hotel Cidnay
13H50	14H
Chegada prevista ao hotel	Jantar
18H	20H45
Recolher aos quartos (obrigatório)	Silêncio
22H30	23H
Domingo - 22/04/2012	
Despertar	Pequeno-almoço (obrigatório)
8H	8H30
Palestra	Saída para o jogo
9H10	9H45
Jogo	Almoço e regresso ao Estoril
11H15	14H30

O Estoril-Praia sempre que tem jogos fora da região de Lisboa costuma viajar no dia anterior à tarde, pernoitando num hotel. No caso deste jogo, até os jogadores não convocados poderiam viajar com a equipa, sendo que nem todos o fizeram, preferindo alguns viajar apenas no dia do jogo em viaturas particulares. Desde a chegada da equipa ao hotel até à hora de jantar, e depois do jantar até à hora de recolher aos quartos, os jogadores poderiam ficar no quarto ou ir até à sala de convívio do hotel. Este período estava também reservado pela equipa técnica para distribuir por alguns jogadores pequenos compactos de vídeo editados pelos analistas de jogo estagiários de lances de jogos anteriores relativos aos oponentes directos, do adversário do jogo do dia seguinte. A partir da hora de silêncio, os jogadores deveriam descansar nos seus quartos até ao dia seguinte.

No dia seguinte, depois do pequeno-almoço estava reservado algum tempo para a palestra do treinador ainda no hotel, na sala de conferências. Depois do jogo, em caso de vitória do Estoril-Praia estava programado que todos os jogadores e *staff* técnico deveriam almoçar e viajar juntos para o Estoril, onde estaria reservada uma festa com os adeptos. Em caso de empate ou de derrota, como vários dos jogadores têm casa e

família na região norte, ficaria ao critério de cada um, se viajar de regresso com a equipa ou não, sendo que o dia seguinte seria de folga independentemente do resultado.

3.4.2.5. Distribuição dos quartos

A distribuição dos quartos é sempre feita da mesma forma em todos os estágios. Neste estágio, por ser um jogo em que a equipa em caso de vitória assegurava a promoção à I Liga, também o Presidente Tiago Ribeiro e o administrador João Ribeiro seguiram para o hotel com a equipa, sendo que nem sempre isso acontece. Tanto um como outro, assim como o treinador principal Marco Silva foram instalados em quartos individuais e noutra parte do hotel. Também o delegado ao jogo, o médico da equipa, o motorista do autocarro e o capitão de equipa João Coimbra tinham um quarto individual (sendo que este último só estava sozinho porque o número de jogadores em estágio era ímpar), todos eles no entanto alojados no mesmo piso do plantel. Todos os outros, *staff* e jogadores estavam distribuídos por quartos duplos. Este aspecto permite que em caso de algum problema ou emergência nenhum jogador se encontre sozinho no quarto, sendo que o médico da equipa, o Dr. Carlos Martinho também estava no mesmo piso dos jogadores para em caso de alguma emergência poder actuar com maior celeridade.

3.4.2.6. Plano de dietas nas refeições em estágio

O plano de dietas da equipa do Estoril-Praia foi feito pelo departamento clínico do clube, sendo que esse plano foi depois transmitido aos cozinheiros do restaurante do hotel que deveria adequar a ementa das refeições da equipa aquilo que era pretendido. Deste modo, as refeições eram saudáveis e energéticas com uma elevada dose de hidratos de carbono, proteínas, vitaminas, fibras alimentares. O álcool e a comida frita estavam proibidos, assim como qualquer bebida com gás, bem como o uso de vinagre para temperar a comida (por se considerar indigesto). O horário do pequeno-almoço deveria ser cumprido, para que a digestão estivesse feita quando os jogadores fossem para o jogo, sendo que todos os lacticínios deveriam apenas ser ingeridos durante a refeição, já que se o fossem mais próximo da hora do jogo havia um risco considerável de indisposição por parte dos jogadores. Depois do jogo todos os jogadores deveriam comer um lanche de forma a repor os níveis energéticos do metabolismo para valores mais adequados.

Tabela 17 – Plano de dietas nas refeições da equipa do Estoril-Praia durante o estágio.

21/04/2012
Jantar
Água e sumos, ambos sem gás, café; como tempero fornecer apenas azeite e limão (não usar vinagre);
Sopa de Legumes; Lombo de porco assado no forno, batata assada, arroz branco, esparregado, salada mista;
Cheesecake / fruta da época.
Ceia (nos quartos)
Iogurte líquido, bolos secos ou biscoitos.
22/04/2012
Pequeno-almoço (em <i>Buffet</i>)
Leite meio gordo/magro, flocos de cereais, café, chá, chocolate solúvel, iogurtes naturais e de aromas, iogurte líquido, sumos de frutos (sem gás), água mineral;
Pão, <i>croissants</i> , pães de leite, manteiga, queijo, compota, frutos frescos.
Lanche pós-jogo
1 sumo sem gás, 1 sandes de chouriço, 1 sandes de queijo, 1 banana, 1 maçã.
Almoço
Almoço em restaurante a marcar: em caso de vitória no jogo todos os jogadores e <i>staff</i> devem estar presentes. Caso contrário, aqueles que preferirem podem abandonar a concentração após o jogo, entrando em folga até 24/04/2012 (3ª feira).

3.4.2.7. Conclusão

A co-organização de um estágio pré-competição de um jogo da equipa do Estoril-Praia permitiu-me compreender um pouco da logística que é necessária desenvolver todos os jogos, tomando conhecimento da forma como tudo é planeado e organizado para que nada falte à equipa nos períodos que antecedem a competição. Essa logística está implícita em eventos como o estágio da equipa num jogo fora, ou também na organização de um jogo em casa. Os procedimentos a realizar neste tipo de eventos estão já estabelecidos por parte do pessoal do departamento administrativo do clube. A equipa técnica apenas determina como é que deseja que tudo se processe, como os horários por exemplo, sendo toda a organização levada a cabo por pessoas dentro da estrutura do clube incumbidas dessas tarefas para que nada falte aos jogadores e equipa técnica na preparação dos jogos.

A realidade do Estoril-Praia é a de um clube altamente profissionalizado, não só em termos desportivos como também ao nível organizacional, sendo que as condições e

os hábitos de trabalho instituídos são claramente de uma equipa profissional com sustentáveis ambições de ascender à I Liga. É no entanto uma realidade que nem todos os clubes das Ligas Profissionais em Portugal conseguem oferecer. Deste modo naturalmente que o rendimento desportivo dos jogadores pode ficar comprometido, com algumas carências nas condições extra-desportivas que o clube pode oferecer, como por exemplo o facto de algumas equipas fazerem viagens de 3 ou 4 horas de autocarro no próprio dia do jogo.

Em suma, toda a logística que está inerente a eventos como um estágio de pré-competição fora de casa, organização dos jogos em casa, gestão dos espaços, etc., são tarefas tão essenciais ao sucesso desportivo da equipa como aquele que é feito dentro de campo. Por vezes, a dimensão desse trabalho pode ser revelador do nível de profissionalismo que um clube possui. Deste modo, o clube Estoril-Praia, pela sua estabilidade financeira, pelo nível organizacional e directivo que possui e pela qualidade e resultados apresentados pela equipa nos jogos, pode-se dizer que está totalmente preparado para as exigências a que se propõe, ou seja, ser campeão da Liga de Honra e na época 2012/13 fazer parte da I Liga portuguesa.

4. Conclusão

“A ciência é feita de dados, como uma casa é feita de pedras. Mas um conjunto de dados não é ciência, tal como um conjunto de pedras não é uma casa.”

Poincaré (n.d.)

Esta ideia de Poincaré capta a essência deste estágio na área do *scouting* na equipa profissional do Estoril-Praia, na época 2011/12, bem como na consecução deste relatório. Mais concretamente, aplica-se ao tipo de análise que foi sendo realizada ao longo do ano (e que vem retratada neste relatório), de onde dum conjunto enorme de dados deve haver lugar a uma leitura e a uma interpretação adequada, de modo a dar sentido a esses dados. Por outro lado, também se aplica a todo o conjunto de estudos das diferentes áreas deste estágio, que foram sendo expostos nos capítulos anteriores. É pois fundamental para dar sentido e uma lógica coerente a todo este trabalho, que todas as áreas de intervenção estejam devidamente interligadas e que no seu todo consigam dar resposta aos objectivos delineados inicialmente.

Dentro dos objectivos que foram definidos à partida, há um em particular que vai depois definir a forma como os outros objectivos são cumpridos. Esse objectivo passa pela compreensão da estrutura e da organização de um clube profissional como o Estoril-Praia. Nos capítulos do “contexto institucional”, do “contexto de natureza funcional” e da “organização e gestão do processo de treino” vem descrita a forma como o clube está organizado desde os níveis administrativos até aos jogadores, passando por todos os departamentos do clube.

Com a caracterização feita, chega-se facilmente à conclusão de que o Estoril-Praia, Futebol-SAD funciona como uma empresa altamente profissionalizada, com os seus quadros perfeitamente definidos e onde cada elemento da estrutura sabe perfeitamente quais as suas tarefas e funções. De forma a aprofundar o conhecimento na área administrativa, auxiliei na organização de um estágio pré-competição, onde se conclui que a logística que está inerente a este tipo de eventos é bastante grande e que como tal é necessário uma equipa de profissionais experiente para dar resposta às necessidades do clube neste e noutro tipo de situações.

Por outro lado, os capítulos acima referidos, mais concretamente o capítulo da “organização e gestão do processo de treino” leva-nos a recolher determinadas informações fundamentais para o resto do trabalho desenvolvido. Em primeiro lugar, alguns dados relativos aos padrões de jogo dos adversários e ao próprio modelo de jogo do Estoril-Praia, levaram a que fosse aprofundado num estudo de investigação a eficácia dos diferentes métodos defensivos nos lances de bola parada da equipa do Estoril-Praia e da generalidade das equipas das Ligas Profissionais portuguesas. Sendo a tendência actualmente que cada vez mais equipas utilizem métodos de defesa à zona, este estudo veio demonstrar que de modo geral as diferenças na eficácia não são estatisticamente significativas entre métodos e que a equipa do Estoril-Praia (que utilizava o método zonal) era bastante eficaz neste tipo de lances. Para além desse estudo de investigação, foi também realizado um estudo de grupo, que partiu da diferença que se tornou evidente na *performance* desportiva da equipa aquando da substituição de treinador. Esse facto levou a que fosse realizada uma análise aos estilos de liderança na equipa do Estoril-Praia relativamente ao treinador Marco Silva. As principais conclusões deste estudo foram que o treinador parece ter um comportamento mais orientado para a tarefa e indiciando uma forte coesão de grupo na tarefa. Estes dois estudos tinham como objectivo aprofundar o conhecimento relativamente aos temas abordados, oferecendo ao clube novas perspectivas relativamente à pertinência da investigação científica nesta área.

Ainda na continuação desse objectivo da introdução da investigação científica no clube, procurei juntamente com os meus colegas estagiários apresentar e desenvolver novos métodos de análise. Mais concretamente através da construção de uma base de dados para análise quantitativa individual e colectiva da equipa, e assim dar resposta a um outro aspecto abordado no capítulo da “organização e gestão do processo de treino”, nomeadamente a avaliação e controlo da competição. Através da construção dessa base de dados concluímos que a mesma só poderá ser útil e pertinente se cingir-se a variáveis objectivas, determinantes para a recolha da informação pretendida e que se traduzam em padrões comportamentais da equipa. Com isto, apesar de algumas limitações já referidas anteriormente podemos dizer que a construção dessa base de dados e a informação daí extraída revelou-se útil, pertinente e eficaz. A mesma correspondeu às expectativas da equipa técnica e cumpriu com os objectivos delineados, que passavam por contribuir

com as tarefas destinadas para o sucesso da equipa (sucesso esse que foi tremendo, ao conquistar o título de campeão e subindo à I Liga), e por contribuir para o desenvolvimento do departamento de *scouting* do clube.

Para terminar, para além de todos os outros objectivos já descritos que foram cumpridos com sucesso e que contribuíram para o enorme sucesso deste estágio, falta referir um objectivo fundamental. Este passava pelo desenvolvimento do meu estado de conhecimento e da minha capacidade de análise ao jogo de futebol. Mais uma vez, este objectivo foi também eficazmente cumprido, podendo hoje dizer que a passagem pelo Estoril-Praia, Futebol-SAD contribuiu bastante para o meu crescimento enquanto profissional do desporto, mais concretamente no futebol.

5. Referências

- Amieiro, N. (2010). *Defesa à zona no futebol: Um pretexto para reflectir sobre o “jogar”...bem, ganhando!* 2ª Edição. Lisboa: Visão e Contextos.
- Bangsbo, J. & Peitersen, B. (2000). *Soccer systems and strategies*. Champaign, IL: Human Kinetics Editions.
- Barreira, R. (2006). *Análise dos pontapés de canto ocorridos durante o Europeu 2004*. Monografia de Licenciatura. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bessa, P. (2010). *Posicionamento defensivo em lances de bola parada no futebol de alto nível. Análise comparativa entre a defesa à zona e a defesa individual e mista em jogos da Liga dos Campeões Europeus e Campeonato Inglês, Espanhol e Italiano*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Cabezón, J. (2004). Fundamentos tácticos defensivos de las acciones a balón parado. *Revista Técnica Profissional – Training Fútbol*, 97, 26-33. Retrieved from <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=820757>
- Casanova, M. (2009). *Eficácia defensiva nos lances de bola parada no futebol. Defesa à zona vs defesa individual e mista. Estudo realizado no Campeonato da Europa de 2008*. Dissertação de Licenciatura. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Chelladurai, P. (1989). *Manual for the leadership scale for sports*. London, Ontario: University of Western Ontario.
- Chelladurai (2007). Leadership in Sports. In Tenenbaun, G. & Ecklund, R. (Eds.) *Handbook of sport psychology* (pp. 113-135) Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Dufour, W. (1989). Observation techniques of motor behavior. *E.P.S.*, 217, 68-73.

Estoril-Praia, Futebol-SAD (2011). Documentação interna do Estoril-Praia, Futebol-SAD.

Estoril-Praia, Futebol-SAD. (2011). Estoril – Uma tradição, um clube. Retrieved 20 outubro 2011, from <http://www.estorilpraia.pt/historia.html>

Ensum, J., Williams, M. & Grant, A. (2000). An analysis of attacking set plays in Euro 2000. *Insight*, 1 (4), 36-39.

Federação Portuguesa de Futebol. (2012). Comunicados oficiais e normas informativas. Retrieved 16 outubro 2012, from http://www.fpf.pt/portal/page/portal/PORTAL_FUTEBOL/FEDERACAO/COMUNICADOS

Franks, I. & Miller, C. (1986). Eyewitness testimony in sport. *Journal of Sports Behaviour*, 9 (1), 38-45.

Gardner, E., Shields, L., Bredemeier, J., & Bostro, A. (1996). The relationship between perceived coaching behaviors and team cohesion among baseball and softball players. *Sport Psychologist*, 10, 367–381.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (1), 57-64.

Gil, M. (2004). Estratégias defensivas en los saques de esquina. *Revista Técnica Profesional – Training Fútbol*, 95, 16-23.

Greháigne, J., Bouthier, D. & David, B. (1997). Dynamic-system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer, *Journal of Sports Sciences*, 15(2), 137-149. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026404197367416>

Instituto do Desporto de Portugal (2010). *Programa nacional de treinadores de futebol*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal. Retrieved from <http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/PNFT/PNFT%20-%20O%20LIVRO.pdf>

Jesuíno, J. (1996). *Processos de Liderança*. Lisboa: Livros Horizonte.

Lopes, R. (2005). *O Scouting em futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação ao adversário*. Monografia de licenciatura. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Mayhew, R. & Wenger, A. (1985). Time-Motion Analysis of Professional Soccer. *Journal of Human Movement Studies*, 11, 49-52.

McGarry, T. & Franks, I.M. (1996). In search of invariant athletic behavior in sport: An example from championship squash match-play. *Journal of Sports Sciences*, 14(5), 445-456. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02640419608727730>

Mendo, A. & Ortiz, J. (2003). *El Liderazgo en los Grupos Deportivos*. In Mendo, A. (Ed) *Psicología del Deporte* (Vol. I). Buenos Aires: Tulio Guterman Editora. Retrieved from <http://psicologia.del.deporte.uma.es/archivos/liderazgo.pdf>

Messersmith, L. L. & Corey, S. (1931). The distance traversed by a Basketball player. *Res. Quart.*, II (2), 57-60.

Oliveira, J. (1991). Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”: um factor condicionante do alto rendimento desportivo. Monografia de licenciatura. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Presidência do Conselho de Ministros (2008). Decreto-Lei 248-A/2008, Diário da República, 1ª Série – Nº 252, 31 de Dezembro de 2008. Retrieved 16 outubro 2012, from <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/12/25203/0041200415.pdf>

Ramos, L. & Oliveira, M. (2008). Futebol: classificação e análise dos golos da EuroCopa 2004. *Revista Brasileira de Futebol*. 1 (1), 42-48. Retrieved from http://boletimef.org/biblioteca/1827/artigo/BoletimEF.org_Futebol-classificacao-e-analise-dos-gols-da-EuroCopa-2004.pdf

Shields, D. L., Gardner, D. E., Bredemeier, B. J., & Bostro, A. (1997). The relationship between leadership behaviors and group cohesion in team sports. *Journal of Psychology*, 13 (2), 196–210. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223989709601964>

Teodorescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Edições Livros Horizonte.

Weinberg, R. & Gould, D. (1995). *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Zerozero. (2012) II Liga Portuguesa. Retrieved 20 outubro 2011, from http://www.zerozero.pt/competicao.php?id_comp=42

Zerozero. (2012) Grupo Desportivo Estoril-Praia. Retrieved 20 outubro 2011, from http://www.zerozero.pt/equipa.php?epoca_id=141&id=1734